

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NUMERO 41

Lisboa, 1 de Setembro de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.



Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



*Oh! Se as férias
pudessem durar sempre!*

Desejáveis, sem duvida, que nunca mais acabassem essas abençoadas semanas? Só de vós depende o terdes essa encantadora ilusão durante longos anos.

Perpetuai as vossas férias com um “Kodak”

No regresso tercis o extremo prazer de mostrardes aos vossos amigos o encanto das vossas férias, tudo o que délas fêz um paraíso; vós proprios experimentareis a satisfação intima de as revêr tais como - elas foram e - recordar é viver.

O manejo dum “Kodak”, aprende-se em poucos minutos.

Nas boas casas de artigos fotográficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema “Kodak” que vos auxiliará na escolha do modelo de “Kodak” que mais vos convirá, e vos ensinará o seu manejo.

“Kodaks Vest Pocket Autográficos”	desde 110 \$ 00
“Pocket Kodaks Autográficos”	desde 205 \$ 00
“Brownies” de Caixa	desde 50 \$ 00

3 seguros elementos para um bom exito

“Aparelho Kodak”

Um Kodak é uma maravilha de precisão e de científica simplicidade; cada um dos seus orgãos foi estudado sob o ponto de vista da facilidade de manejo e bons resultados.

Película “Kodak”

Ao exigirdes a Película “Kodak” podeis estar seguros da boa qualidade e de um bom resultado. A Película “Kodak” - em embalagem amarela - é a queila com que podereis contar

Papel “Velox”

A melhor prova que podeis obter de um negativo é a que tiver impressa no verso o nome “Velox” como garantia de qualidade. Exigi sempre as vossas provas em papel “Velox”.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



O refresco ideal!

Para mitigar a sede durante a época calmosa, sem prejudicar a saúde, não há como os saes de fructa ENO. De sabôr agradável, o ENO não só mata a sede como é, por assim dizer, a salva-guarda natural da saúde, que tanto se ressentem com os grandes calores! O ENO é um bom amigo do estomago e do fígado, e de grande beneficio para o intestino que, com a sua ajuda, se conserva no estado de limpeza tão necessario á saúde.

O ENO pode ser tomado como limonada, adicionándose-lhe sumo de limão ou de qualquer outra fructa.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o retulo, são marcas da fabrica registadas.

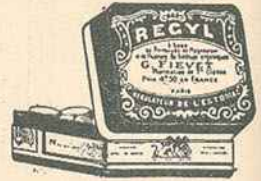


Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS
Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

Companhia dos Cam.^{os} de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

DIRECÇÃO GERAL

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PRATICANTES DE
ESCRITÓRIO DOS SERVIÇOS CENTRAIS

Até 5 de Setembro p. f. está aberto concurso para admissão de praticantes de escritório dos Serviços Centrais, desta Companhia. O programa do concurso e demais condições estão patentes na Secretaria da Direcção Geral (edifício da estação de Santa Apolonia), todos os dias uteis, das 10 às 13 e das 14,30 às 16,30 horas, para os candidatos de Lisboa. Para os candidatos de fóra de Lisboa dão-se todos os esclarecimentos por correspondência. — Lisboa, 18 de Agosto de 1927. — O Director Geral da Companhia, (a) F. de Mesquita.

OREY, LTD.

RUA 24 DE JULHO, 42
LISBOA

VISITEM O NOSSO STAND
NA V EXPOSIÇÃO
DAS
CALDAS DA RAINHA

LINCOLN

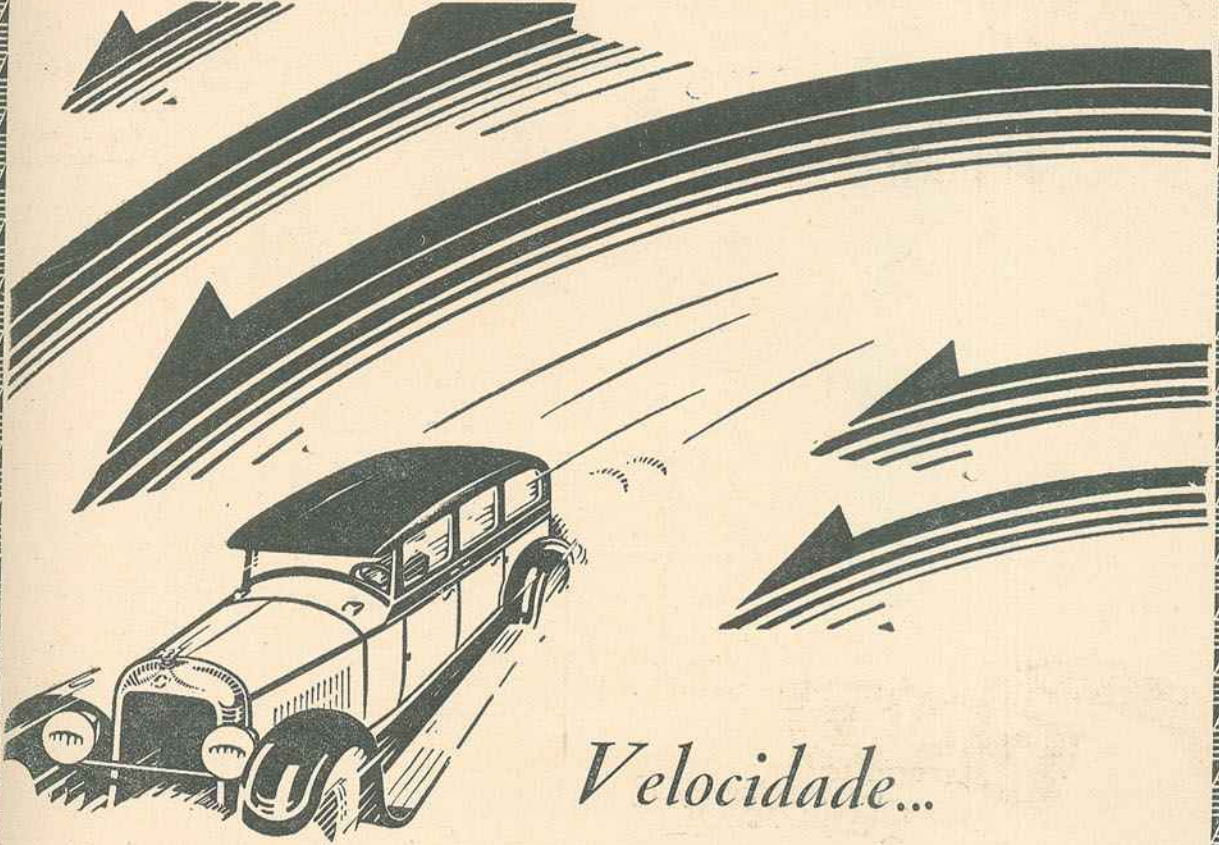
Ford

FORDSON

São as tres maravilhas do aristocrata, do
homem de trabalho e do lavrador

Todos os estudiosos devem adquirir a

HISTÓRIA DE PORTUGAL DE ALEXANDRE HERCULANO
à venda aos volumes e por assinatura nas **LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**



Velocidade...

Como a seta de fogo o Studebaker "Commander" cobre, vence o espaço... acionado pelo seu motor elastico e regular — do celebre Studebaker "Big-Six" — avança á velocidade de 120 km. á hora subindo as rampas mais ingrenes em prise directa.

Os seus numerosos "records" mundiais atestam a sua potencia. Ele é certamente o unico carro de serie que percorreu 8045 km. em 3 dias, 14 horas e 20 minutos, todas as paragens compreendidas á media de 99 km. 100 á hora.

A sua carrosserie, conduite interior de 5 logares é completamente em aço. O "Commander" é o unico carro de grande sport tão espaçoso e debaixo de todos os pontos de vista tão confortavel como o mais luxuoso caro da cidade.

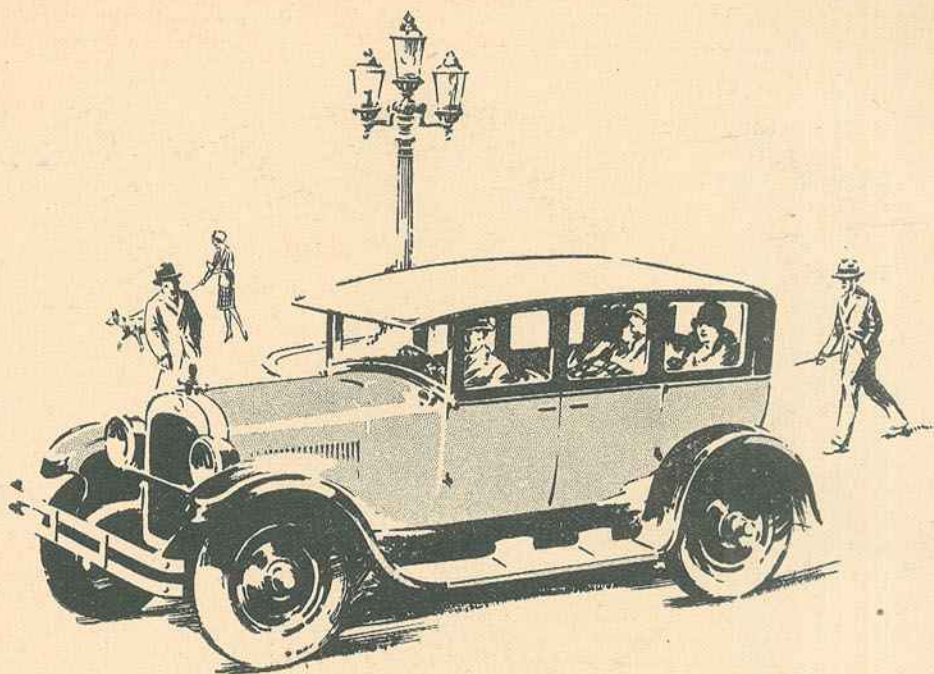
Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS LDA.
 LISBOA - Rua Nova do Almada 80-2º
 PORTO - Praça da Liberdade - Edificio da Nacional.

STUDEBAKER



S B 84



NOVAS LINHAS DE CARROSSERIE

Depois dos muitos melhoramentos introduzidos ultimamente nos seus motores e que os tornaram mais silenciosos e flexíveis.

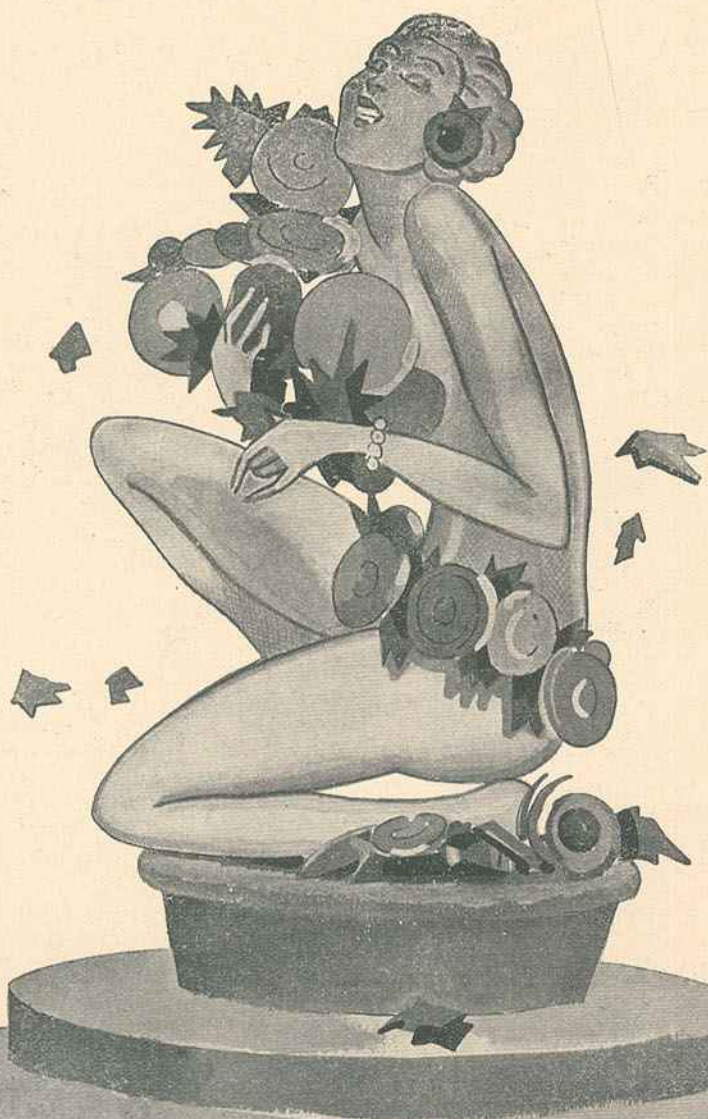
DODGE BROTHERS modificaram as linhas de carroseries dos seus carros fechados tornando-os ainda mais elegantes.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

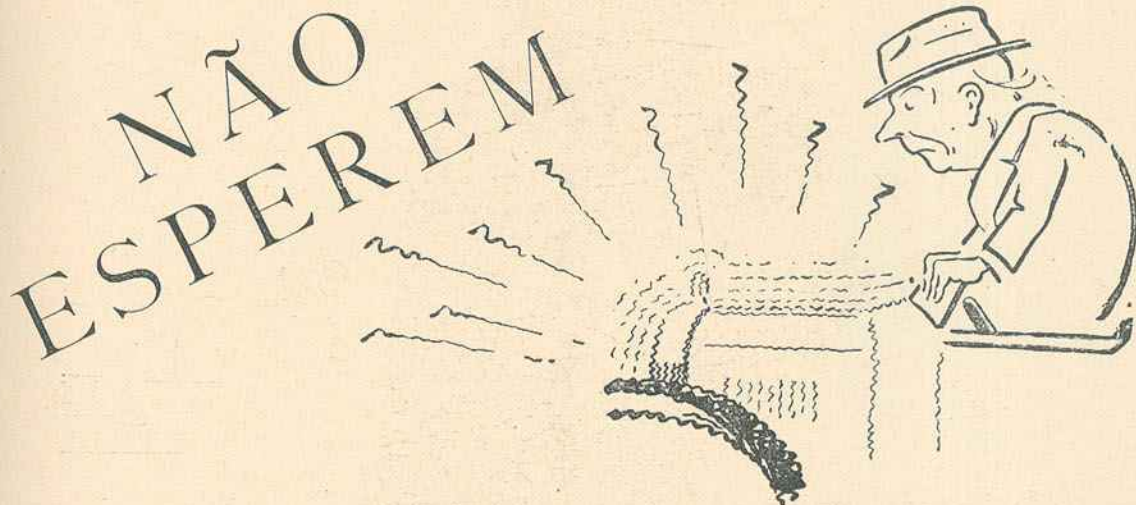


BERTRAND IRMÃOS L^{DA}

+ GRANDES + ATELIERS +
+ DE + GRAVURA +

T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

AUTOMOBILISTAS



DESCARBONISAE O VOSSO MOTOR ANTES QUE ELE SE MANIFESTE.

A carbonisaçãõ faz bater o motor, aumenta o consumo da gasolina, e as despesas de conservaço. Diminue a fôrça do motor e o prazer de conduzir. Encurta a vida do motor.

Evitai, pois, a carbonisaço do vosso motor.

A gasolina SHELL é composta de elementos que evitam a deluiço do oleo, uma das causas da carbonisaço.

Os lubrificantes SHELL, em sucessivas experiências práticas e científicas de motores, provaram ser 100 % superiores nêste ponto, a oleos congêneres.

A carbonisaço evita-se, pois, usando em conjunto

GAZOLINA E OLEOS

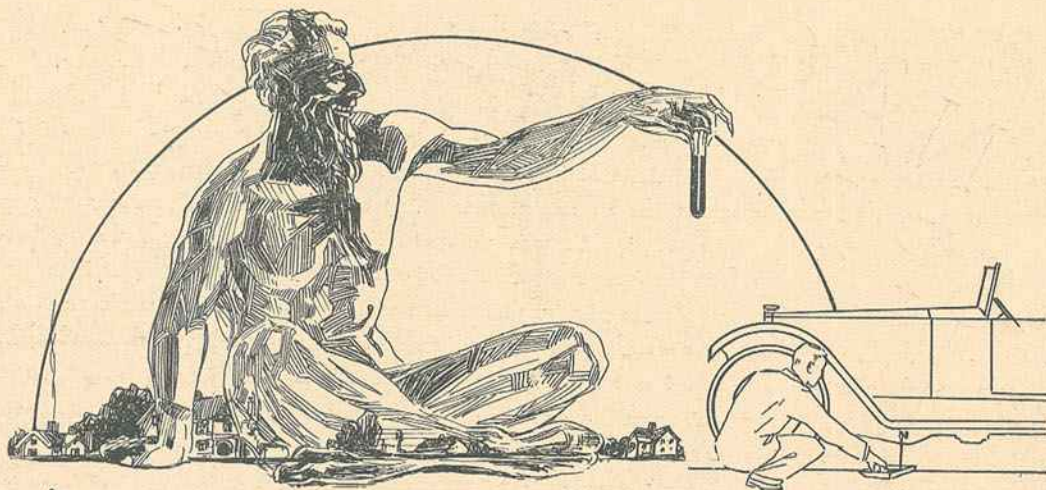
SHELL

À VENDA EM TODAS AS BOAS GARAGES

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS



Óleo+Poeira+Gasolina+Água=?

É a mistura que encontra dentro do carter

Um bom óleo conserva-se bom muito tempo. Mas as gasolinas de hoje são menos voláteis do que antigamente. Chegam porisso mais facilmente, ainda no estado líquido as camaras de combustão. De lá, as gotas escorrem pelos metalicos para o carter, diluindo o óleo. Com a marcha, esta mistura de gasolina e óleo mais se suja. Junta-se-lhe carvão. A poeira da estrada entra pelo carburador. Água e ferrugem também podem aparecer. O que succede?

- (1) — Desgaste prematuro dos cylindros, pistões, metalicos, cambótas, bielas, cavilhões e talvez uma «panne» de chumaceiras.
- (2) — Incompleta vedação dos metalicos, e consequentemente perda de compressão e força.
- (3) — Velas sujas.
- (4) — Consideravel aumento da carbonisação do óleo.
- (5) — Consumo demasiado de gasolina.

A qualidade do «Gargoyle» Mobiloil torna-o apto a resistir bem ao efeito diluidor da gasolina de hoje.

O corpo caracteristico do typo de Mobiloil indicado para o seu carro na nossa «Tabela de Recomendações» assegura uma vedação perfeita dos metalicos que evitará a passagem da gasolina para o «carter».

Mesmo com esta lubrificação economica e scientifica, todo o óleo usado deve ser substituido com regularidade por óleo novo. Hoje mesmo começará a economisar se principiar hoje a empregar o óleo apropriado, de forma conveniente.

No nosso «Guia de Lubrificação» encontram-se conselhos uteis sobre este assunto. Peça-nos um exemplar gratis hoje mesmo.

Peça Mobiloil pelo seu nome completo. Não basta dizer «dê-me um galão de óleo A ou BB». É necessario pedir Gargoyle Mobiloil A, Gargoyle Mobiloil BB ou qualquer outro typo que seja recomendado para o seu carro.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

Vacuum Oil Company



RUA DA HORTA SÉCA, 15-17 - TELEFONE TRINDADE 980 (7 LINHAS) E SUAS AGENCIAS.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

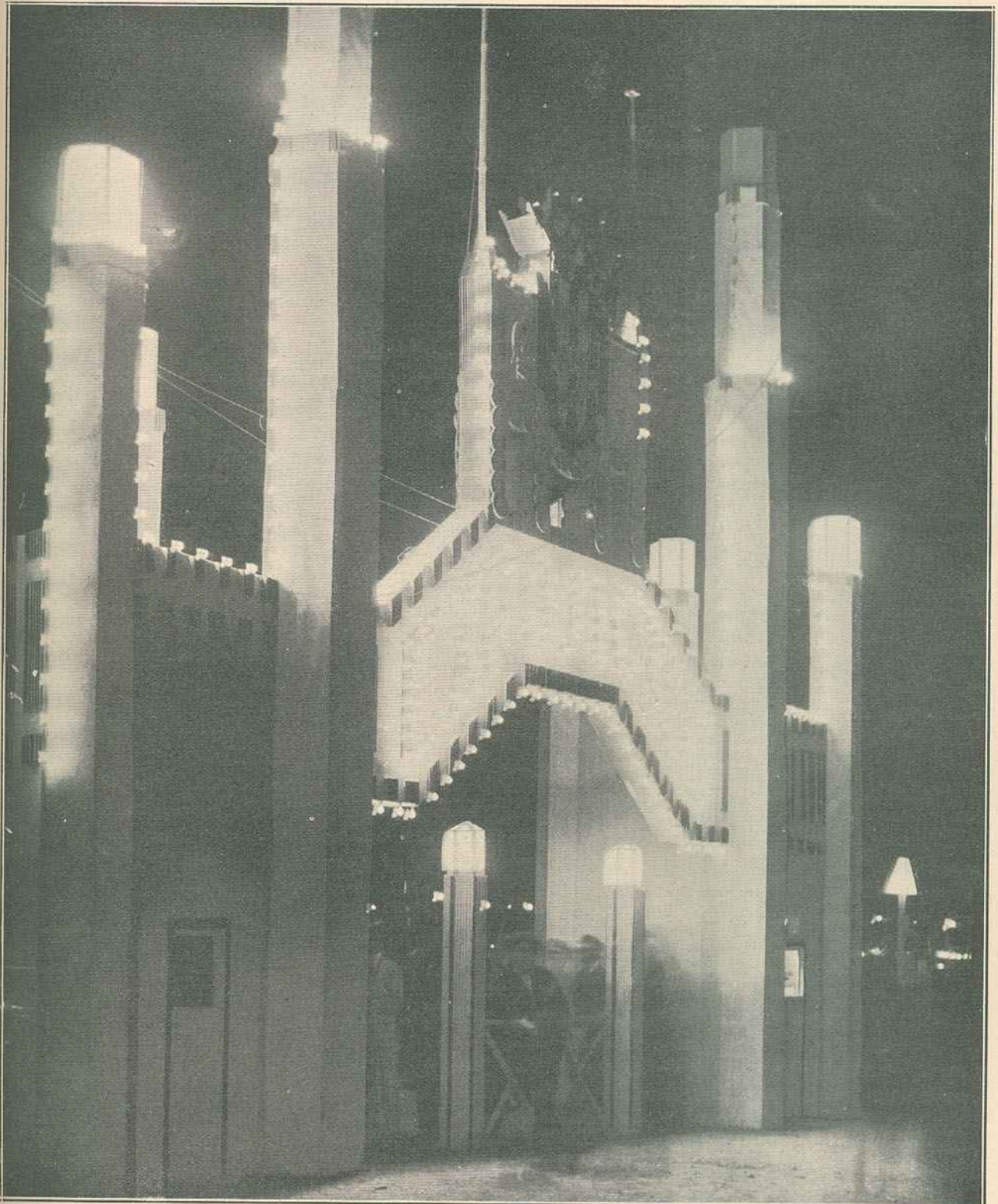
DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

Ano 2.º—NÚMERO 41

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE SETEMBRO DE 1927



A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA — ASPECTO NOCTURNO DO PÓRТИCO DE ENTRADA NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO

CRÓNICA DA QUINZENA

Visto que os jornais estrangeiros consagram os seus editoriais as últimas vicissitudes políticas portuguesas, misto de opereta e tragédia, parece dever ser esse, para um quinzenário nacional, o facto culminante da quinzena transacta. E se as gazetas de fora parte se occupam de semelhante tragi-comédia, é de supôr que a *Ilustração* não seja impedida de comentá-la por sua vez, tanto mais que, alheia a qualquer política partidária ou militante, desejosa, como tem provado, de ser a seu modo o reflexo documentado e sereno da vida cultural e social d'este país, o deve e pode fazer com espirito de paz e conciliação.

Portugal está acabando de arruinar-se, material, mental e moralmente. E, se se encaram com olhos observadores e imparciais os fenómenos desta insistência no suicídio nacional, vê-se que ella resulta da apatia cívica do maior número, da expectativa inerte do que se chama a Nação, sempre à espera de que o juizo e o equilibrio lhe caiam do céu, e, por outro lado, do desnorreamento ou da loucura lúcida da minoria que actua e se agita na política e que, dividida até à pulverização, hipnotizada pela sugestão das fórmulas ou pela sedução das pessoas, procura baldadamente polarizar-se em volta desta ou daquela palavra talismânica, d'este ou daquele profeta milagroso.

O primeiro destes males portugueses, a paralisia geral do sistema nervoso cívico ou político, só chegaria a curar-se muito lentamente, por meio de uma hygiene social bem conhecida, a que se dá o nome vulgar de «educação» e de que todo o bicho-careta fala como de panacea admirável, mas que ninguém quer tomar senão muito diluída na água com açúcar dos seus egoismos, das suas indolências e das suas hipocrisias.

Mas o desnorreamento e a loucura lúcida da minoria agitada e agitante podem curar-se ou começar a curar-se de um dia para o

outro, tal qual aconteceu em 1851, ao cabo de trinta anos de anarquia e barulheira, logo que no poder se reuniram ou sucederam meia dúzia de verdadeiras cabeças políticas.

Enquanto isto não succeder é manifesto que a nação se continuará perdendo, afogada na inumerável variedade de fórmulas mais ou menos místicas, que concorrem e lutam umas com outras para a salvarem magnificamente; pois já se vê que, enquanto os loucos lúcidos bem intencionados e os imbecis de excellentes intenções assim andam às cabeçadas, as ruínas materiais e morais accumulam-se ou agravam-se, e na confusão interminável vão fazendo caminho as velhas ronhas parasitárias e as bestiais sofreguidões novas.

Uma das provas mais contundentes de que a discórdia política, como luta de ideias, é pura ficção, em que não entra uma réstea de sentimento das realidades, está neste facto palpável: é que todos os credos se subdividem e tôdas as divergências se aliam. ¿Como tomar portanto a sério esses portadores de ideal que se misturam aos pregoeiros do ideal contrário, esses famosos idealistas de braço dado com famosíssimos arranjistas, esses admiráveis princípios que se estilham constantemente em sub-princípios mais pequenos e ainda mais admiráveis?

Se a luta é de vaidades, de soberbas, de egoismos ou de interesses, tudo isto se entende perfeitamente; se há nela impulsos louváveis de sinceridade e patriotismo, o espectador lúcido e ingénuo perguntará naturalmente: ¿Porque se não assenta num programa mínimo, objectivo e comum, visto haver um interesse máximo, objectivo e comum? ¿É esta então a única batalha em que o armistício é impossível? ¿São tantos os chefes, tantas as falanges, que não haja meio ou modo de reunir uns e acalmar outras, por forma que se evitem devastações e incêndios, capazes só de reduzir a nada a vitória de qualquer?

¿Que é que querem A, B, C, D, etc., at X, Y, Z, e, se mais alfabeto houvera, lá chegávamos? ¿Que Portugal descanse da agitação trágica ou grotesca no trabalho honesto e fecundo? ¿Que recupere os seus velhos prestígios de nação pequena mas digna? ¿Que saiba, enfim, o que é o dia de amanhã? ¿Que assegure e aproveite a posse do seu invejado e espreitado património? ¿Que eduque os seus filhos para lavrarem os campos herdados, em vez de se devorarem uns aos outros na ociosidade e na miséria?

Se todos querem isto e só isto, a sério e a valer, parece que seria cousa não só possível mas fácil lançar sobre a torrente das discórdias e ódios uma ponte de conciliação e bom-senso. Convenhamos em adiar por dez anos a resolução desses problemas tremendos que consistem em resolver quais sejam a côr da bandeira, o feitto da taboleta ou o aspecto da fachada. E durante elles limpemos e arrumemos a casa, onde os corredores estão sujos ou atravancados de destroços, os móveis de pernas para o ar, as canalizações rebentadas, a cozinha vazia e o ar empestado das emanções que se exalam dos lugares mais torpes. Tomemos banho primeiro, e a seu tempo se decidirá se havemos de sair à rua de blusa, de jaquetão, de casaco de briche, ou de cota de malha, loriga e montante.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

ASSINATURAS

NOVOS PREÇOS

Chamamos a atenção dos nossos assinantes e leitores para as reduções que fizemos nos preços das assinaturas da *«Ilustração»*, conforme a tabela que publicamos na última página deste número.

ACTUALIDADES

A delegação francesa à Conferência Inter-parlamentar de Comércio, que em breve se realiza na America do Sul, na sua passagem por Lisboa, foi acompanhada pelo sr. Ministro de França, depôr flores no local destinado, na Avenida da Liberdade, ao monumento aos Mortos da Grande Guerra.



O convenio celebrado entre Portugal e Espanha para aproveitamento das quedas de água do troço internacional do rio Douro, foi já ratificado pelos dois países.

A nossa gravura representa o momento em que o sr. Embaixador de Espanha e o ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. dr. Bettencourt Rodrigues, assinavam o documento da ratificação.



O sr. ministro da Alemanha em Lisboa, rodeado de numerosos membros da colónia do seu país, procede à cerimonia, quasi ritual, da fundação da nova escola alemã, removendo a primeira pá de terra do local onde ha-de erguer-se o respectivo edificio, na Quinta do Meio, em Palhavã.

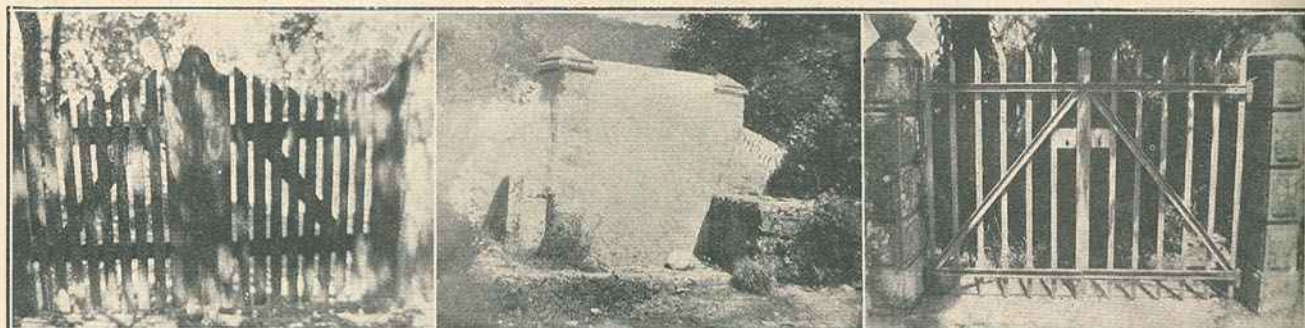


Na igreja do Senhor de Matosinhos realisoou-se no dia 28 de Julho findo o casamento da sr.^{ta} D. Maria Lopes de Araujo com o sr. Antonio da Silva Vieira



A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA — Stand, estilo manuelino, onde fôram expostas as miniaturas artisticas, em barro, do mestre Francisco Elias, e que fôram muito admiradas durante a exposição

A expansão sempre crescente das edições das Livrarias Aillaud e Bertrand — «Magazine», «Ilustração», «Almanaque» e, brevemente, o semanario feminino «Voga» — impõem um natural desenvolvimento de todos os seus serviços. A distribuição das suas publicações estava-se ressentindo das contingencias dos transportes de aluguer, pouco praticos e sujeitos a todos os contratempus. Esse ramo importante de administrativo é já hoje servido por uma excelente camionette, que o publico de Lisboa, que tão largo acolhimento dá ás publicações de Aillaud e Bertrand, bem conhece de a vêr percorrendo as ruas da cidade

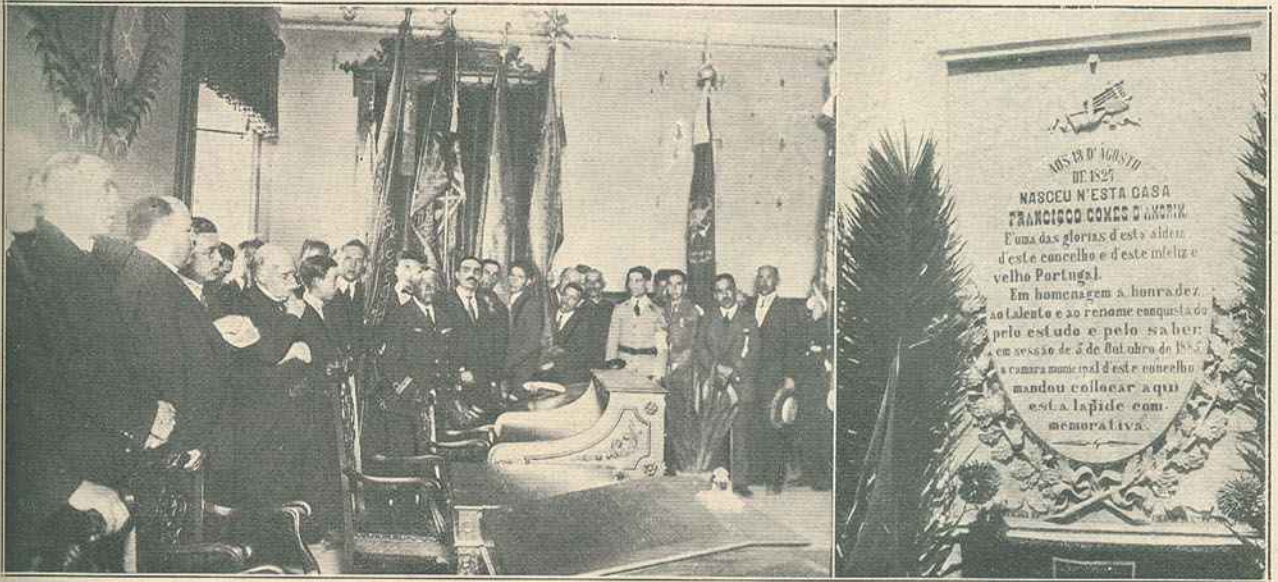


Três aspectos das vedações das quintas do Pombal e Mata de Guilherme Dran, no antigo caminho da Fonte dos Amores e Galamares, assunto que está interessando a opinião publica de Cintra

ACTUALIDADES



Os professores do liceu Alexandre Herculano, do Porto, comemorando o encerramento do época de exames, reuniram-se num banquete de confraternização que se realizou no Palácio de Cristal — *No oval*: Um aspecto da conferência do Dr. Reinaldo Ferreira, nos claustros do convento da Serra do Pilar



Após a sessão solene, realizada na Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, comemorando o 1.º centenário do poeta Gomes de Amorim: à direita, a lápide que foi colocada em 1885 na casa onde nasceu aquele escritor, no lugar de Avêr-o-Mar, daquele concelho



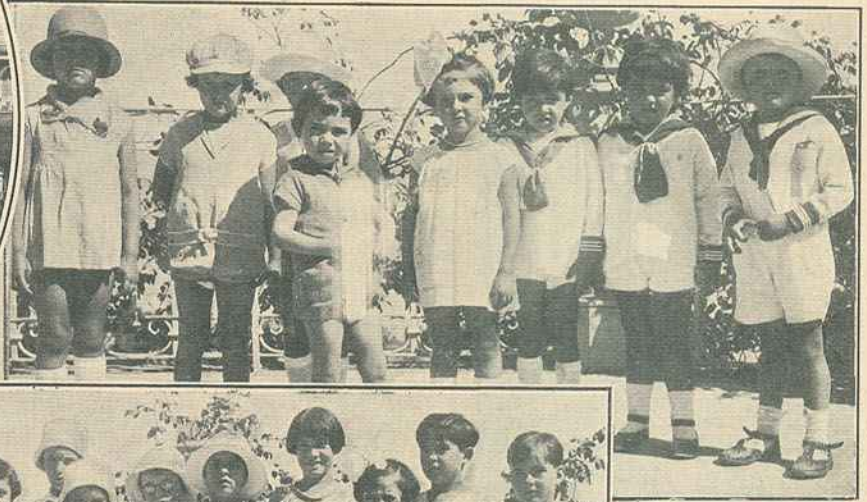
Assinatura do auto de lançamento da primeira pedra da escola de Triana, freguesia do Rio Tinto, com a assistência do governador civil do Porto e comandante da 1.ª região militar. — No cemitério da mesma freguesia: cerimónia da cedência pela respectiva junta dum talhão para sepultura dos combatentes da Grande Guerra, por iniciativa do administrador de Gondomar

DESPORTOS



A VII TRAVESSIA DE LISBOA A NADO. — *Em cima*: A chegada dos três primeiros nadadores, a Algés. — *Em baixo*: A partida de Xabregas. — *Na oval*: a passagem do 1.º nadador em frente do Terreiro do Paço

NO MONTE ESTORIL PROVAS DESPORTIVAS INFANTIS



1.º GRUPO — 1.ª categoria, (até aos 5 anos) — *Luísa Fernanda Correia Leite da Costa, Ruy Manuel S. de Sousa, António Miguel Horta Velez, José Manuel da Motta Marques, Maria Teresa Ribeiro Salema, Armando José Gonçalves Vi- lar, Arnaldo d'Almeida, Edwin Sousa* — 2.º (GRUPO) — 2.ª categoria, (5 a 8 anos) — *Maria Octávia Briffa Raposo, Rodrigo Cordeiro da Silveira, José Saldanha da Gama, Rosa*



M. J. Ribeiro Salema, António José d'Ávila do Amaral, Júlia Gonçalves Velaz, Paulo da Costa Santos, Vasco da Costa Santos, Roberto James, Maria Manuela Sousa Melo, Maria do Rosário Eugénio Diniz, Maria Jenny Bastos Mendes, Fernando Eugénio Barnay, Joaquim Ribeiro Salema — 3.º (GRUPO) — 3.ª categoria, (8 a 10 anos) — *José Cordeiro Vinagre, José Manuel Ri-*



beiro Salema, José Maria Bensande, Pedro Bittencourt Tardim d'Oliveira, Peter Vaz Monteiro Gomes, Fernando da Costa Campos, Maria Rita Saldanha da Gama, Maria Teresa Briffa Raposo, Maria Luísa Horta Velez 4.º GRUPO — Os vencedores com os seus prémios, (da esquerda para a direita) — *António d'Ávila Amaral, 2.º prémio, 2.ª categoria; Luísa F. C. Leite da Costa, 2.º prémio, 1.ª categoria; Joaquim A. R. Salema, 1.º prémio, 2.ª categoria; Rosa R. Salema, 1.º prémio, 3.ª categoria; Arnaldo d'Almeida, 1.º prémio, 1.ª categoria; José Maria Bensande, 2.º prémio, 3.ª categoria. — NA OVAL: O Casino I. do M. Estoril iniciador da interessante festa desportiva*

A V EXPOSIÇÃO

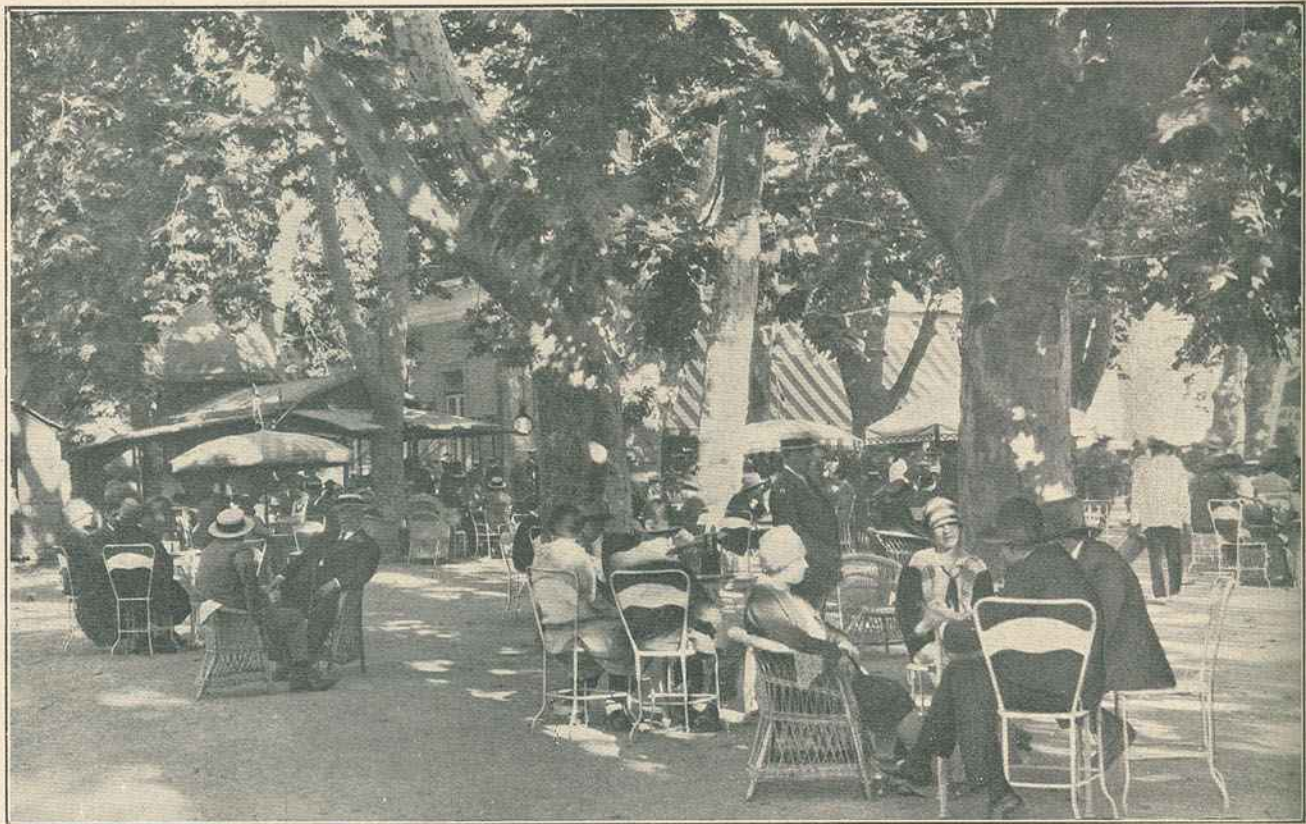
DAS CALDAS DA RAINHA



O Stand da CASA NESTLÉ de que é representante em Lisboa, o sr. JUSTIN ROUSÉ, da rua da Madalena, 214, 2.º, onde se viam em exposição todos os seus acreditados productos Lacteos

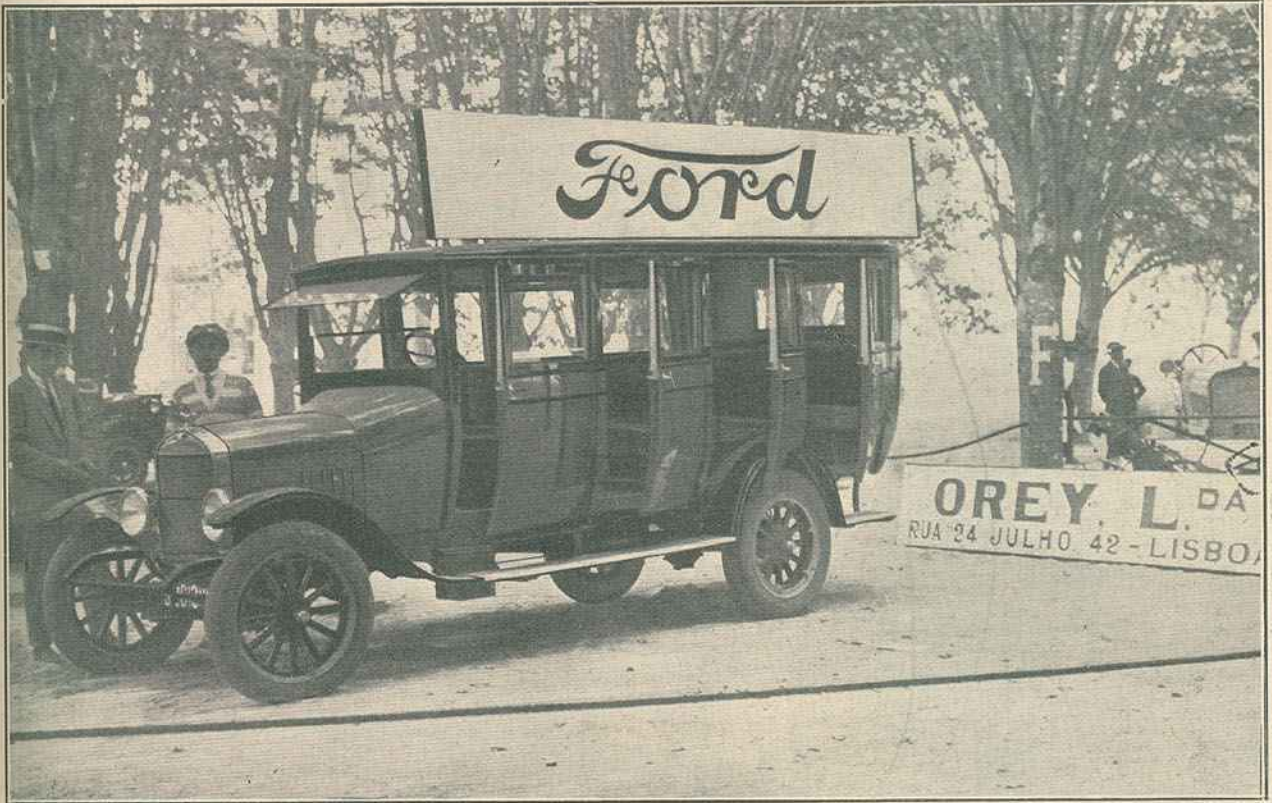
Os certames que a antiga vila, hoje pequena cidade, das Caldas da Rainha vem há anos organizando, são sempre brilhantes provas da actividade e do desenvolvimento da região que as Caldas dominam, constituindo ao mesmo tempo uma parada importante da indústria nacional.

A V Exposição, há dias inaugurada, confirma brilhantemente as tradições dos anos anteriores e gostosamente a essa esplêndida iniciativa a *Ilustração* dá o concurso da sua publicidade, fazendo votos porque o exemplo da nova cidade das Caldas da Rainha seja seguido por outras regiões do país, que o trabalho e a actividade dos seus habitantes tem tornado prósperas.



NO PARQUE DAS CALDAS:— A explanada dos srz. Sousa e Galinha, correspondentes da «Ilustração» naquela cidade

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA

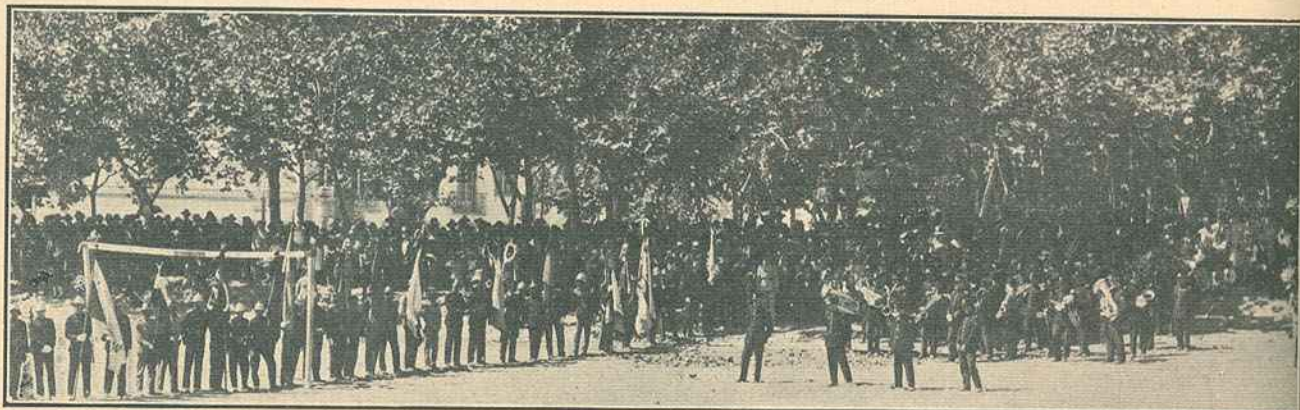


O Stand dos Srs. OREY, LIMITADA, de Lisboa, rua 24 de Julho, 42, representante das marcas de automóveis LINCOLN, FORD e FORDSON, onde se tornou notada pela elegância e boa execução da carroçaria feita nas suas oficinas, uma Camionete FORD para passageiros



Elegantíssimo Stand da COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, desenhado pelo distinto escultor JOÃO SILVA, com remates e colunas de vidro, onde esta Companhia expõe aduoz e productos quimicos da sua FÁBRICA DA POVOA DE SANTA IRIA, e artisticos cristais e vidros duma beleza e perfeição inexcedíveis feitos na sua nova FÁBRICA DA MARINHA GRANDE

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA



A parada dos bombeiros e o desfile das bandas



Um caldense que se deixa florir com o melhor dos seus sorrisos



O stand dos artistas, à beira do lago do Parque, projecto do architecto Paulino Moniz



Durante a cerimónia da inauguração da exposição na tribuna do elemento oficial



Os representantes do governo percorrendo o recinto da exposição



O desfile das bandeiras das várias corporações de bombeiros

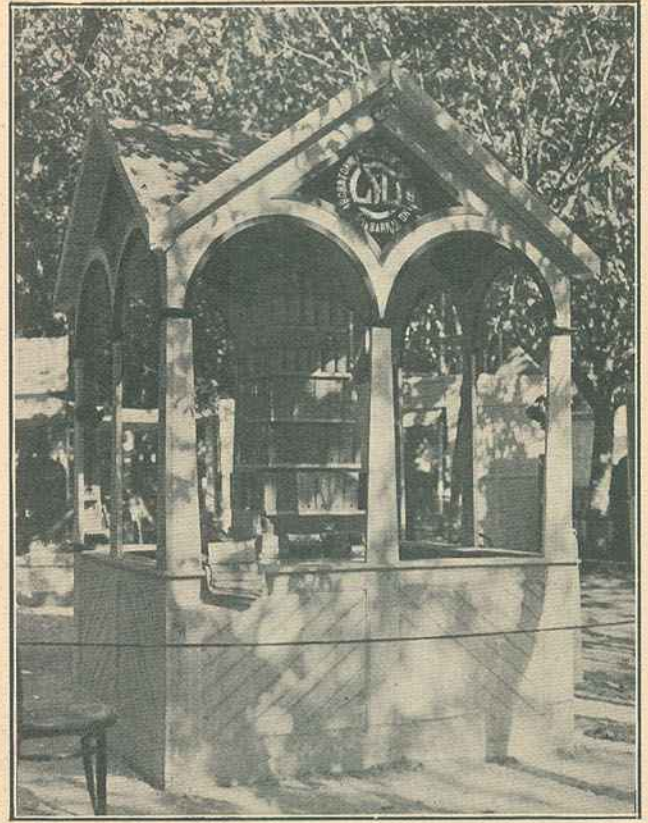


A bandeira dos voluntários de Lisboa e a sua escolta

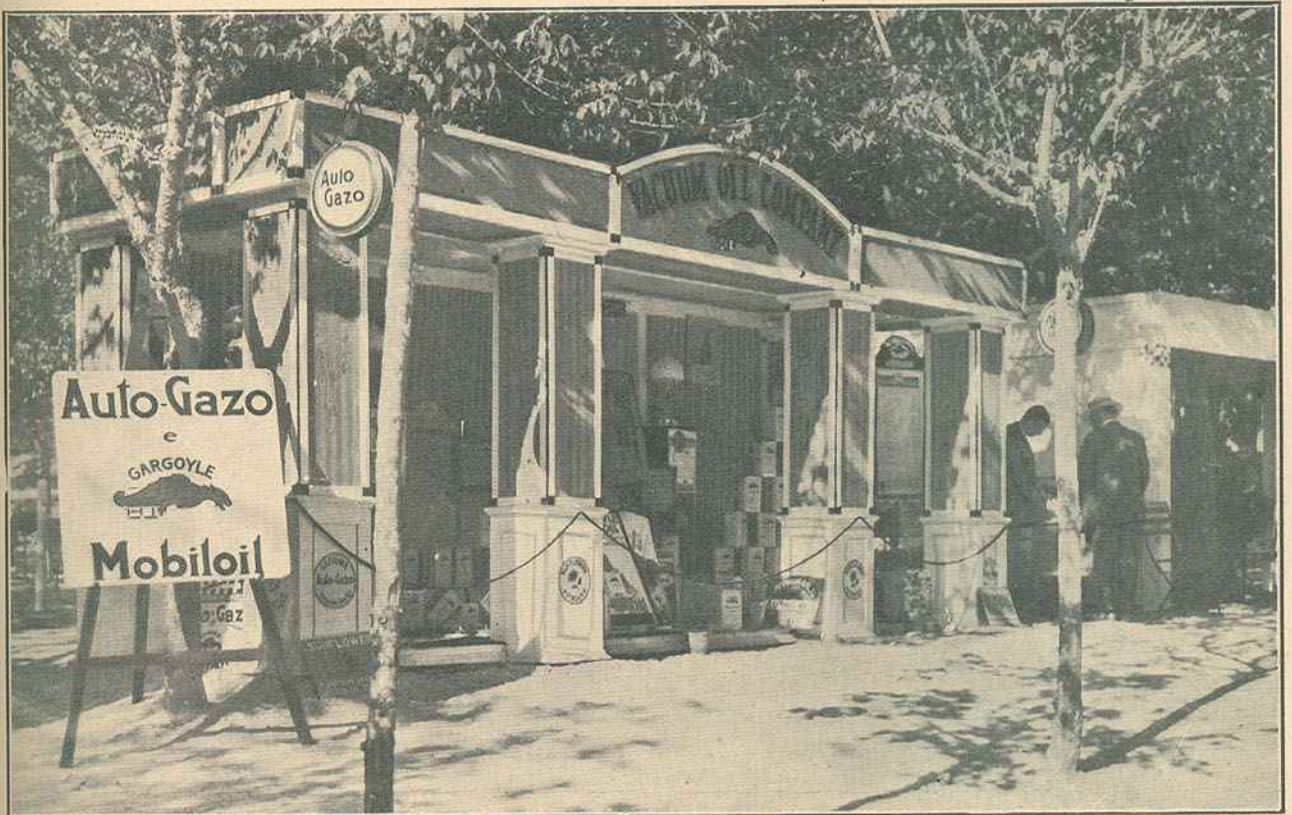
A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS
DA RAINHA



O elegante Stand da COMPANHIA DE CERVEJAS ESTRELLA, de Lisboa, onde eram anunciadas e justamente elogiadas as suas excelentes marcas de cervejas e refrigerantes



Stand do LABORATÓRIO FARMACEUTICO IUSITANO, do Bombarral, com as suas especialidades farmacêuticas *Lecithinaritol*, *Iodotanol* e *Gayogamenol*, preparados exclusivos daquele Laboratório.



O Stand da VACUUM OIL COMPANY onde artisticamente estão expostos os seus magníficos productos: petróleo, óleos de lubrificação, gasolina, candieiros, fogões, fogareiros a petróleo e demais acessórios da sua indústria

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA



EM CIMA: à esquerda, vista exterior da entrada da exposição; à direita, os exercícios dos bombeiros. — EM BAIXO: um aspecto da cerimônia da bênção de gado

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA

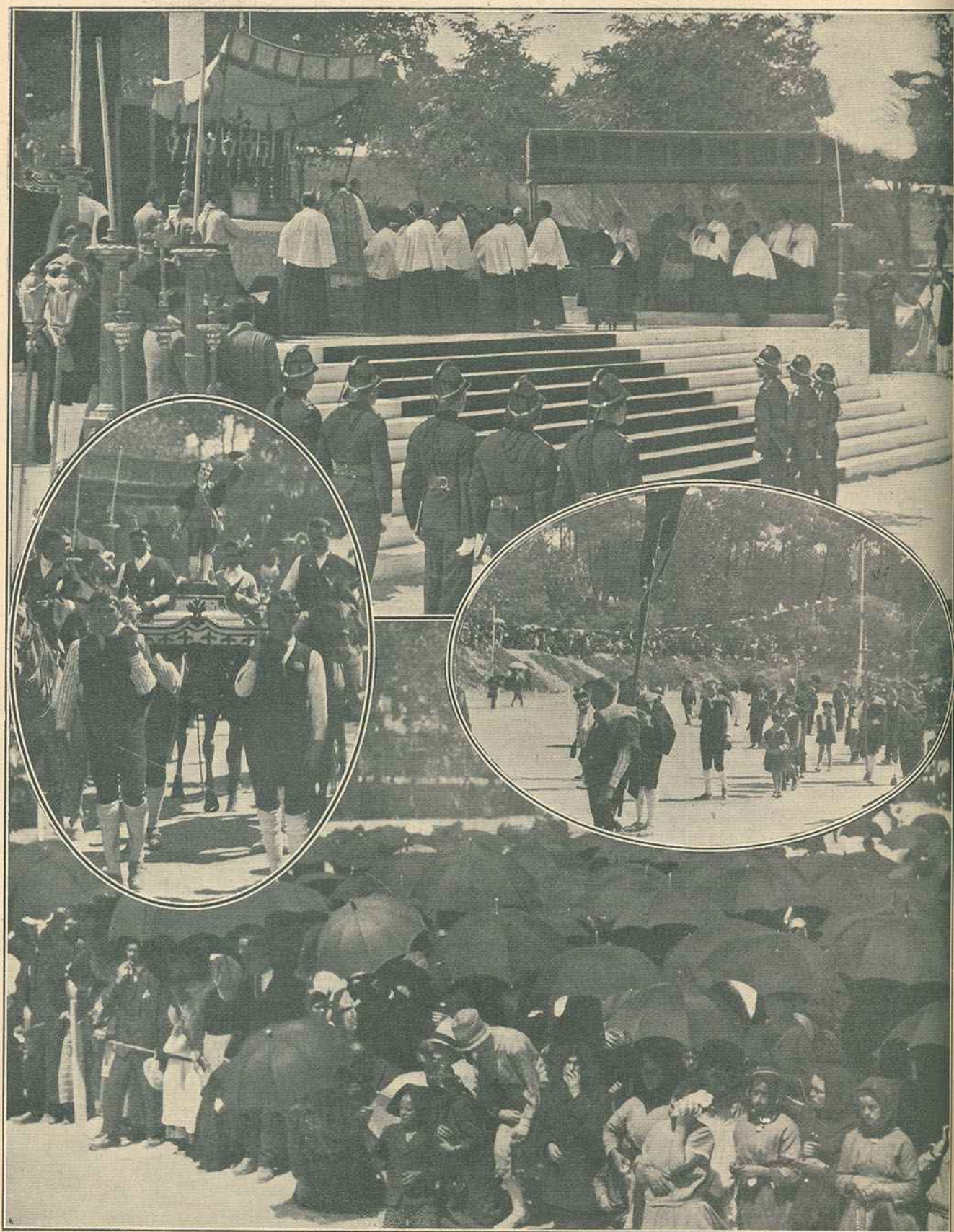


O Stand da SALCHICHARIA FAVORITA, de Lisboa, rua do Século, 167, 171, dos srs. FERNANDO DE MORAES & FILHOS, onde duas interessantes raparigas belgas tem passado os dias fazendo *sandwichs* de fiambres e mortadelas de sua fabricação que tem sido muito apreciadas pelos numerosos visitantes da exposição.



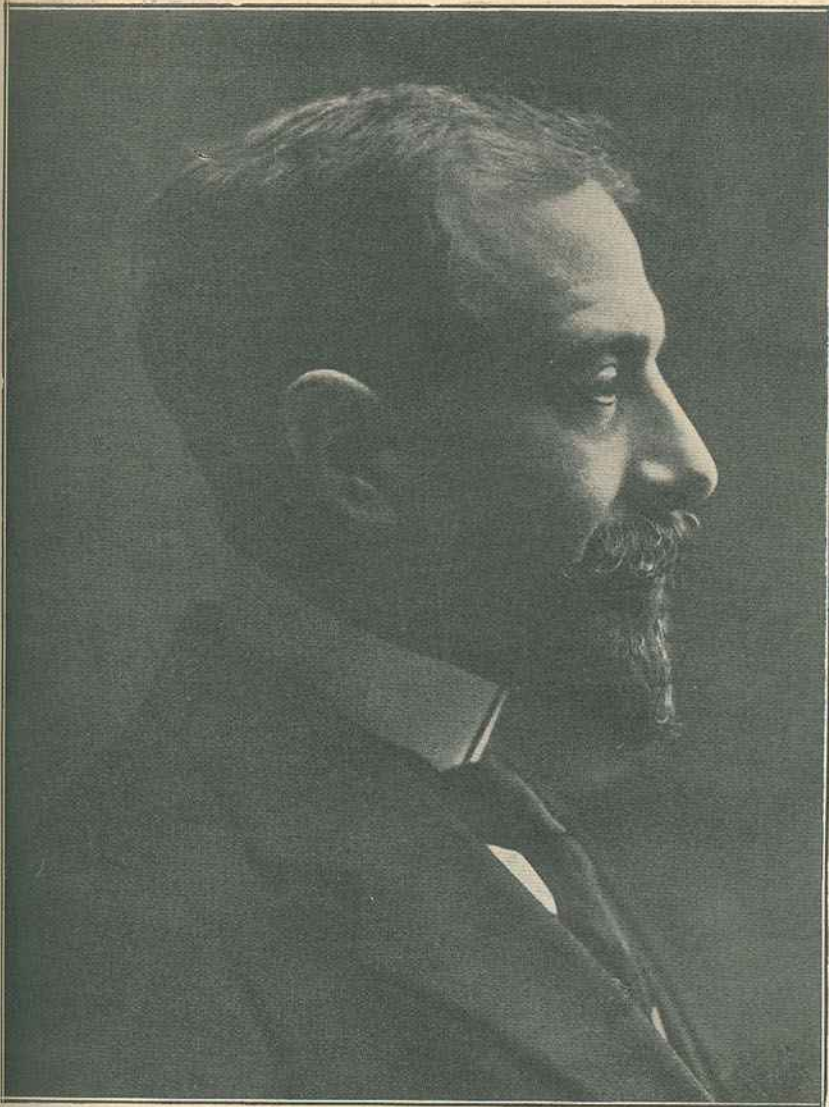
Stand dos srs. SHIRLEY & C.^o, de Lisboa, rua do Arsenal, 124, 1.^o onde estão expostos os sensacionais candieiros «PETROMAX», de luz incandescente a petroleo, próprios para iluminação pública, casas de campo, casinos, cafés, etc. A fotografia deste stand foi tirada às 23 horas sem auxilio de magnésio pelo fotógrafo da «Ilustração», sr. Mario de Novais

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA



EM CIMA: A missa campal. — EM BAIXO: Os assistentes à missa, ajoelhando, no momento da elevação. — NAS OVAIS: Dois aspectos da procissão do Santo Izidio

UM PORTU- GUÊS ILUSTRE



Dr. Raul Bensaude

Quando se viaja, é um prazer sempre renovado o ouvir, entre a língua estranha do país em que nos encontramos, por mais harmoniosa que ela seja, a doce fala portuguesa, que nós tanto caluniámos de áspera e mal soante, com as suas nasais abertas, por que ninguém dá, senão nós mesmos, que nunca estamos satisfeitos connôco nem com os benefícios que a Natureza nos dispensou.

Eu tive este prazer raro, em circunstâncias bem penosas para mim e, portanto, mais grato me foi, ao termo dum mês de uso e abuso de linguagens estranhas por países diferentes, ouvir e falar a nossa língua, nela poder exprimir os males que me enfadavam a vida e nela receber o conforto da sciência certa dum grande médico nosso patricio, que muitos portugueses ignoram, mas que mu-

tos mais estrangeiros consideram como uma das sumidades da clinica parisiense.

Foi com entranhada confiança que procurei, por amável indicação dum amigo, o dr. Raúl Bensaude, no seu consultório da Rue Penthievre, uma dessas ruas tranquilas que correm paralelas ao rumorejar intenso do *boulevard* Haussman e que são como as margens serenas dum rio caudaloso. Nem sombra dêsse aspecto de aparelhos reluzindo por trás de vidraças, cuja vista desanima o mais encorajado enfermo. Duas salas bem ordenadas e dispostas, com illustrações sobre os *gueridons* e uma luz docemente tamisada, que aplaca o nervosismo de quem espera o *veredictum da sciência*. Não há também passagem duma dessas senhoras de óculos na ponta do nariz e bata branca, que evocam logo a enfermaria, a sala de opera-

ções e outros pormenores desagradáveis. É um criado amável, um delicadíssimo *valete*, quem nos introduz no gabinete do dr. Bensaude, onde também nada nos faz pensar na doença, mas no repousado prazer duma hora de leitura ou de boa palestra entre o luxo discreto e sóbrio do mobiliário e da decoração.

Foi nêsse gabinete tranquilo que, quem estas linhas escreve, teve o alto prazer espiritual de se encontrar com o considerado clinico que goza em Paris justificado renome entre as celebridades médicas da capital franceza.

Não é a gratidão do enfermo, que na sciencia do médico illustre encontrou alívio e confiança, que me leva a evocar esta visita à Rue de Penthievre, mas a necessidade, natural na indiscreção dum jornalista, não direi de revelar, mas de relembrar o nome illustre do dr. Raúl Bensaude, que em França marcou uma individualidade de justo destaque.

Não é o dr. Bensaude, cuja afabilidade iguala a sciencia, pessoa a quem se inflija a banalidade de adjectivar-lhe o nome com os lugares-comuns coçados pelo uso. Está a sua personalidade muito acima dos vulgares eucómios, mas nesta hora em que, entre nós, de qualquer desconhecido illustre se faz uma celebridade e em que tanto se usa e abusa dos elogios a pessoas que, no dizer corrente, «levantam lá fora, bem alto, o nome português», não é muito lembrar — ainda que na grave iminência de que a sua modéstia nos não perdôe a indiscreção — este português illustre, que pelas suas faculdades conseguiu impôr-se, num meio em que não é grande quem quere, mas só quem o pode e deve ser.

TREMORES DE TERRA

As erupções vulcânicas observam-se principalmente em regiões de formação recente. É o que se verifica pela observação do grande terramoto que destruiu ultimamente a cidade de Leninagan, no vale de Chirak.

No fim do período terciário, quando a Arménia emergiu das águas, a planície do Chirak estava coberta pelo mar Sarmático. Foi-se elevando lentamente o solo, dividindo-se o mar em lagos, dos quais restam o mar Cáspio e o mar de Aral. No começo do quaternário, um período de intensa actividade vulcânica arremessou das entranhas da terra por crateras a princípio imersas, depois abrindo-se acima das águas, grande quantidade de lavas. Com esses materiais se en-



As ruínas

cheu muitas casas, tendo ficado sem abrigo mais de 80:000 pessoas. Observou-se o deslizamento de camadas de terreno sobre outras camadas desniveladas, abertura de fendas no solo, novas fontes donde jorrava água carregada de ácido carbónico. O movimento fez-se na direcção noroeste para sueste, com intensidade tal que derrubava as pesadas, e manifestou também carácter ondulatorio como de uma barca movendo-se ao sabor das ondas. Algumas pirâmides funerárias giraram em torno do seu pedestal.

As construções que mostraram maior resistência foram as de madeira; depois as que, sendo de alvenaria, tinham esqueleto de madeira.

No arquipélago japonês,

onde os terremotos são comuns, preferiam-se as construções de madeira ou de papel, mais leves e elásticas e por isso mais resistentes. Hoje preferem-se o cimento armado.

Foi esse também o material aconselhado pelos sábios e engenheiros americanos, depois da catástrofe de S. Francisco.

A casa de cimento armado é como uma só peça; é um monólito.

O terramoto de Leninagan foi notável pela sua violência e pela sua instantaneidade. Ouviram-se ruidos subterrâneos semelhantes a de pesados carros rolando sobre seixos. Os bois e os



Uma nova fonte que apareceu por ocasião do terramoto

cheu o vasto lago que então era a planície do Chirak, e nesses novos terrenos foi depois edificada Leninagan.

O abalos de terra interessaram área considerável, sendo detidos pela ribeira de Arpatchai que lhes constituiu barreira. Caíram



Um monumento funerário que rodou sobre o seu pedestal

camelos mugiram de medo. Os cães uivaram. Logo em seguida o chão entrou em convulsões de espantosa violência, ruíram os prédios e a população pôs-se em fuga sem destino, tão apavorada que se mostrava insensível à dor.

Pessoas de feridas abertas escorrendo sangue, outras com braços partidos, correram durante horas em fuga desordenada sem sentir os próprios ferimentos.



Os moradores de Leninagan fugidos das suas casas em ruínas



EMMERICO H. NUNES

Retrato da Sr.ª D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha

(PARATY)



CINEMA TOGRAFIA



...decidiu pôr termo ao seu viver miserável...

Na complicada contradição de valores que é o movimento de «estrelas» e realizadores na cinematografia americana, há figuras que os olhos do mundo artístico seguem sempre com ansiedade, perguntando com inquietação o que irão realizar, o que pensarão, o que lhes passará pela cabeça. Todo o mundo civilizado, por exemplo, segue interessado a vida dolorosa do grande Charlie Chaplin que a *chantage* sentimental-jurídica de Lita Grey persegue acintosamente e como o grande Charlot outras figuras de nome atraem sempre as atenções gerais. Os realizadores de maior tomo da cinematografia mundial também estão em foco e entre eles as duas figuras máximas D. W. Griffith e Cecil B. de Wille. Neste momento, enquanto o autor genial da «Intolerância» anuncia a volta aos Artistas Unidos de que foi fundador, de Mille anuncia novas produções e novos contratos para a sua casa, a Producers Distributing Corporation de que é o sumo orientador. E, depois de apresentar com o maior estrondo de todos os tempos, o seu super-colosso cinematográfico «Rei dos Reis» ou seja a nova Vida de Cristo que a cinematografia tinha obrigação de nos dar, continua a maravilhar o mundo com a perfeição das suas obras, já hoje famosas, tornando uma garantia a sua marca P. D. C.

O seu artista predilecto é Dod La Rocque e o último filme d'este grande artista que obteve sucesso mundial é a original comédia-drama «O dado vermelho» que hoje va-

mos contar aos nossos leitores.

Alan Beckweth, ao contar 25 anos de idade, encontra-se na vida sem família, sem amigos, sem pessoa alguma, no mundo, que por ele se interesse. A sua pequena fortuna, herança de seu pai e fruto do seu próprio esforço desbaratada pelos manejos dum homem de negócios escuros, Andrew North. Encarando friamente a sua triste situação, Andrew North decidiu pôr termo ao seu viver miserável mas depois de ter gosado largamente a vida. Vai procurar

North e propõe-lhe um estranho negócio. «Dê-me dez mil dolares para que eu possa viver um ano e ao mesmo tempo faça-me um seguro de vida de cem mil dolares: Ao fim

dum ano a minha vida pertencer-lhe-á e não terá mais do que suprimir-me para receber o prémio do seguro.» O homem de negócios escuros acha a proposta francamente sedutora e não serão os riscos dela que o amedrontem. Eliminar um homem?... Ora... isso é o menos!... Mas, objecta que, não sendo o parente de Alan, não será fácil receber o prémio do seguro a não ser que esteja em seu nome, o que pode causar suspeitas. «Nesta conformidade, diz ele a Alan, existe apenas uma solução. Case com a mulher que eu lhe indique e que, depois da sua morte, me entregará a soma recebida».

Beckweth aceita, recebe os 10.000 dolares mas quere saber a data certa em que deixará de existir. North tira da gaveta um dado vermelho que lhe indica sucessivamente, lançado com perfeição, 2, 4, 1 e 2. A data da execução é, portanto, vinte e quatro de Dezembro. Alan sai e no dia seguinte casa com Bethy Vane, outra vítima de North. Mas como ambos ignoram o que se passa com a vida um do outro e se julgam, mutuamente, cúmplices do sinistro homem de negócios, não podem sentir senão antipatia recíproca. North, de resto, colocou junto deles um homem de confiança encarregado de vigiar Beckweth e de o acompanhar constantemente para que ele não fuja.

Assim se passou um ano, durante o qual Alan não pensou em outra coisa que não fosse levar a melhor possível das vidas e gastar o melhor possível o seu dinheiro. Mas por acaso, umas palavras soltas lançam-no numa pista que lhe faz descobrir a verda-



Fixaram a data da execução... vinte e quatro de Dezembro



O amor atraía-os irresistivelmente...

deira situação de Bethy Vane. Sabendo-a vítima também do odioso North aproxima-se dela, olha-a com outros olhos e entra de a amar profundamente. Mas eis que surge, terrível, o último dia do condenado, o sinistro 24 de Dezembro. Alan só tem uma alternativa: ou morrer ou reembolsar North dos 10.000 dólares acrescidos de lucros fabulosos. O homem que quizera morrer, já não quer, porém, deixar a vida onde encontram agora o amor e à noite sai de casa clandestinamente com um plano desesperado. Sonbera que North se dedicava ao contrabando do álcool e decide ir atacá-lo no seu antro de Welah Island, roubando-lhe o dinheiro com que depois resgatará a vida. Mas North fôra prevenido, o golpe de Alan falha e ao bater da meia noite, o guarda que seguira como uma sombra o desditoso rapaz, abate-o friamente com um tiro de revolver. Neste momento chega a polícia especial da «lei seca» que, depois de terrível luta, se apodera de North e do seu bando. Verifica-se então que Alan estava apenas ferido e no fim de algum tempo, entregue aos cuidados de Betty, estava livre de perigo e decidido a refazer uma vida, pelo trabalho, embalado no doce amor de sua esposa. (Produção P. D. C.)

Robert Wiente, o autor-realizador do «Gabinete do Dr. Gaglieri» e de «Mãos d'Orlaco», duas autênticas obras primas de técnica e concepção, vai firmar agora o romance célebre do húngaro Melchior Lengyel, «A mulher célebre».

As estrélas do cinema viajam, aproveitando as férias. O seu terminus de vilégiatura é, quasi sempre, a grande Cidade Luz. Em Paris estiveram agora, guardando um prudente incógnito, a grande Norma Talmadge e o curioso Jack Pickford. Também Henny

Posten, a genial tragica alemã, está presentemente na capital do mundo, que viu há dias a passagem de Alice Terry que se dirigia a Nice para se encontrar com seu marido Rex Ingram, que ali edificou os seus studios, e que espera dentro de dias também a visita de Reginald Demy, o «prince de l'humour», que está em Inglaterra.

Há dias, em Paris, deu-se um caso curioso. Uma modistinha de 15 anos, desgostosa da vida, lançou-se do alto da torre Eiffel. O destino, porém, poupou-lhe a vida porque, milagrosamente, a pequena suicida ficou pendurada pelo fato numa haste de certo reclame luminoso alguns metros mais abaixo do ponto de partida. O mais curioso da questão foi que Julien Duvivier, o conhecido realizador de «Poil de Carotte» que filmava nesse momento uma scena com o cómico Framel, teve a sorte de ver que o seu operador, por aca-

so, registava o curioso acidente, obtendo assim um documentário único no mundo.

O esforço cinematográfico da Dinamarca não enfraquece. A sua produção de maravilhosa qualidade, tende a progredir em quantidade. Nos studios de Rasunda, trabalham neste momento e simultaneamente, vinte e oito companhias, entre as quais a que tem por estréla a genial dançarina e trágica sueca Jenny Hasselquist, que filma um argumento intitulado «Os chacais». Também Asta Nielsen interpreta um novo filme com Carmen Boni e Gustavo Froelich.

June Mathis, a célebre autora de argumentos que adaptou ao écran «Os quatro cavaleiros do Apocalipse», acaba de falecer com 38 anos de idade.

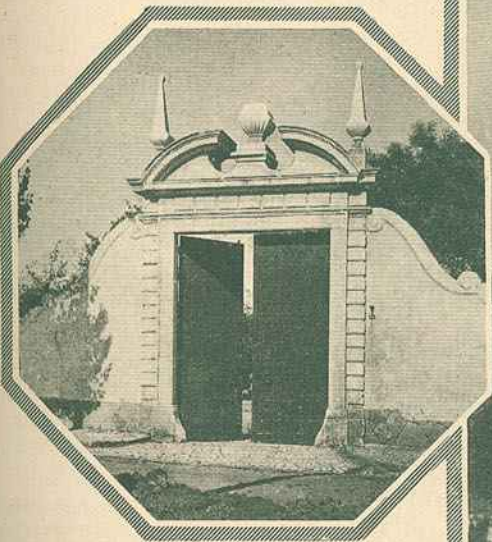
Josefine Baker vai interpretar um grande film «A sercia dos trópicos», de Maurice Dekobra, «mise-en-scène» de Henri Etievant e Mario Nalpas, tendo como outros interpretes Regine Thomas, Pierre Batcheff e Georges Melchior.



Vítimas do mesmo malefício, sofriam as mesmas dores

A CASA PORTUGUESA

TORRE
DE S. PATRÍCIO
MONTE ESTORIL



ASPECTOS GERAIS, PORTÃO DA QUINTA
E ENTRADA PARA A CAPELA



ESTA OBRA VEIO DAR REALIDADE A UM SONHO ROMÂNTICO DO FALECIDO SR. JORGE O'NEILL, QUE IDEARA A HISTÓRIA DE CERTA TÔRRE ARCÁICA À QUAL SE TERIAM ACOSTADO SUCESSIVAS CONSTRUÇÕES PARA MAIS AMPLO ALOJAMENTO E CON-FÔRTO DE SEUS NOBRES MORADORES

Arquiteto - R. L.

Clichés SAN PAVO

O PINTOR ESPANHOL MORENO CARBONERO

A tradição artística da Espanha enriquece-se de nomes que na pintura, especialmente, ressoam alto e em boa fama. Os pinceis manejados por artistas espanhóis criaram escola, individualizaram, no mundo das artes, esse país venturoso que conseguiu, através de tôdas as influências estranhas, manter galhardamente uma personalidade bem vinçada na musica, nas letras e na pintura.

Disputam-se os museus mundiais e as galerias particulares de todos os países a representação, por insignificante que seja, da obra gloriosa de Velasquez, de Ribera, de Murillo, de Greco, como índices duma tradição sempre pura de boa arte, fixada na tela sob as magnificências da luz peninsular e interpretada pela imaginação criadora de cérebros meridionais.

Velasquez, em cuja ascendência portuguesa pelo lado materno encontramos motivos de orgulho nacional, é o pintor da observação e da verdade, um precursor do realismo na arte. Os seus assuntos não são nem a imobilização hierática das figuras mitológicas, nem os favorecidos retratos de reis ou fidalgos, «posando» ao lado das corôas rebrihantes de joias ou dos escudos de armas de

complicadas genealogias. Com a mesma justeza de desenho e precisão de tintas, com que reproduz na tela os disformes bôbos anões ou os tipos populares do seu tempo, retrata Filipe IV com a anomalia da sua queixada macissa e a insignificância da Rainha, sua esposa. Mesmo em assuntos guerreiros, como o da «Rendição de Breda», no quadro conhecido pelas «Lanças», nem é a «pose» convencionalmente soberba dos vencedores nem a tristeza submissa dos vencidos que dominam a obra: é, na tela referida, por exemplo, o sorriso afável, quasi de quem pede desculpa, com que Spinola, o general vencedor, recebe as chaves e as homenagens da cidade rendida. A humanidade deste momento que Velasquez fixou, com genio, é mais emocionante do que tôda a parada de forças, de lança ao



alto, que envolve as figuras centrais e do que os rôlos de fumaccira que sobem, ao fundo, do casario em chamas.

Em Velasquez também os deuses são feitos de carne humana, com sangue e nervos de gente, como se observa na «Fragua de Vulcano» e nos «Borrachos». Os seus interiores — como os leitores se hão-de lembrar, se bem presentes tivessem no espirito os quadros «As fiandeiras» e «Las Meninas» — não

são convencionalmente iluminados por supostas ribaltas e gambiarras, mas a luz intersecciona-se com verdade, vindo dos planos onde nasce e esbatendo-se em penumbras cheias de realidade.

Do doce e terno Murillo das Virgens e dos Meninos Jesus, não há quem não guarde um a suave recordação, feita da mística emoção que se desprende de certas telas, como de Santa Isabel tratando os leprosos.

Ribera e El Greco são dois nomes da pintura clássica espanhola menos populares, porque a sua arte, sendo muito pessoal, é, todavia, menos acessível à emoção ponco



A «Posada do Carbonero», do «D. Quixote».

ultivada. Os duros contrastes de luz e sombra, que dão às figuras de Ribera um aspecto de força e de energia, como a do Sant'Iago Mayor que se admira na sacristia do mosteiro de S. Lourenço do Escorial, intimidam as almas simples e as linhas esguias e epitépticas das telas de El Greco, pintadas em cores neutras ou extranhas, como aquele verde venenoso que lhe foi tão querido, também não são de molde a fixar os espíritos menos preparados para nelas surprenderem qualidades artísticas que, à primeira vista, se assemelham a defectos.

Mas a tradição artística da pintura espanhola não arrefeceu em cinza nem ficou embalada com a entrada nos museus das grandes telas assinadas ou identificadas com os grandes nomes da história da arte de Espanha. Escola com raízes fundas, vida histórica intensamente activa, paisagens admiráveis de luz e de cor, a pintura espanhola continua a engrandecer-se e em todos os certames preciso contar com a sua representação larga e bem documentada. Em fins do século XVIII e princípios do XIX a Espanha ilustra-se com um dos maiores artistas que os seus annos de arte registam: Goya. Talento caprichoso, irregular, inquieto, desperdiçando-se por vezes em fantasias macabras ou obscenas para logo se condensar em algumas límpidas de génio, Goya vem até à actualidade com a frescura dum contemporâneo e assim por muitos séculos se conservará, sempre extraordinariamente contemporâneo das idades que a sua obra fôr atravessando, quer na graça airosa da sua *Maja desnuda*, quer nos horrores dos massacres de Moucha, quer no vivo matiz dos desenhos innumeráveis das ricas tapeçarias, que enriquecem, em Espanha, os museus e as colecções particulares. Por todo o mundo e apressado

século XIX o renome da pintura espanhola se mantém vivo e bem alto. Em Roma, escola de arte clássica e no Paris das inovações, sempre o nome dum pintor espanhol se destaca na lista das celebridades da paleta.

É já no último quartel dêsse século, ansioso de progresso e de arte, que surge em Espanha o nome dum dos seus maiores pintores da actualidade: Moreno Carbonero.

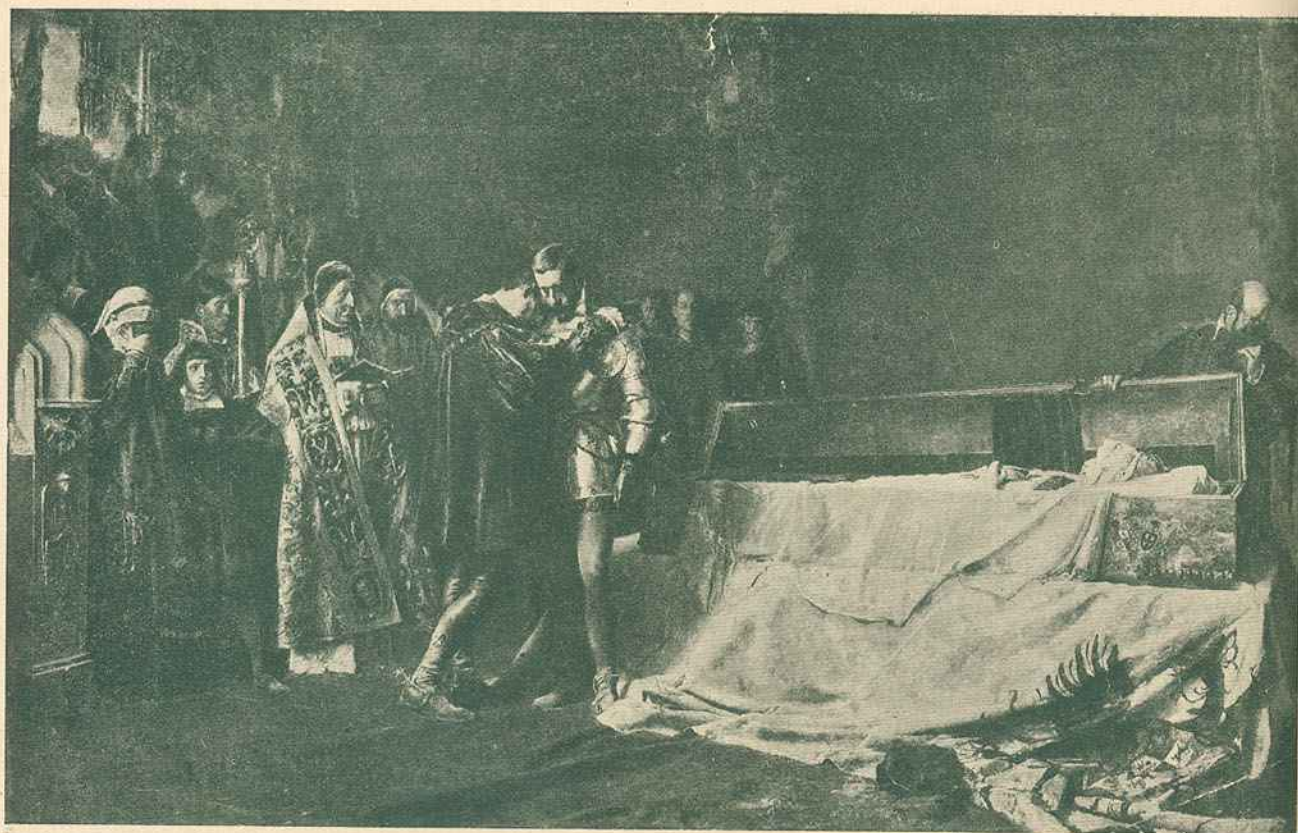
Acontece na península este caso desolador: Portugal e Espanha, países confinantes, com uma fronteira artificial de delimitações de

tratados diplomáticos, desconhecem-se tão profundamente como se entre elles distasse um oceano de inumeráveis milhas ou se erguesse, insuperável, uma muralha mais alta do que a da China. É assim que a «Ilustração» quasi tem a certeza de que, para muitos portuguezes a quem estes assuntos de arte interessam, occupando-se de Moreno Carbonero faz uma verdadeira revelação.

No entanto, aquella velhice paradoxalmente moça, que quem escreve estas regras surpreendeu, uma tarde, no seu quieto *atelier*



O filho do artista, em traje de caça



A conversação do Duque de Gandia

de Madrid, é uma autêntica e inegável glória da pintura espanhola contemporânea.

Moreno Carbonero, sessenta anos cheios de vigor e vivacidade, trabalha ainda com o entusiasmo e a imaginação criadora da mocidade, como quando, pensionista ainda, lançou na tela essa obra impercível que se chama a «Conversação do Duque de Gandia».

Todos os gêneros tentaram o seu talento. Espanhol do sul, começou naturalmente o seu espírito por ser solicitado pela beleza inefável das paisagens batidas pela grande luz peninsular e a tal ponto seus olhos andavam aguçados dessa luz intensa, que dá vida às coisas inanimadas, que, tendo começado em Paris uma tela sobre um assunto do D. Quixote, reservou-se o terminá-la em Espanha, para que o sol peninsular, pudesse imprimir a nota de beleza e de verdade, que a luz do sol de França nunca poderia dar-lhe.

Retratista emérito, pelo seu atelier tem passado os maiores nomes das artes e das letras espanholas e os mais sonoros da armorial da Espanha, desde Afonso XIII, que lhe frequentava a casa, não por dar-se ares de monarca protector das artes, mas por admiração rendida pelo talento deste artista, cujo pincel traz à Espanha uma glória não inferior à que lhe tem conquis-

tado a espada dos seus homens de guerra. Identificado com o espírito que ditou a Miguel Cervantes a sua obra imortal, Moreno Carbonero tem sido o melhor «realizador», na tela, das páginas do D. Quixote. Não há na epopeia trágico-cômica do fidalgo manchêgo, sobrevivente da cavalaria andante, episódio burlesco que não tentasse o comentário do pincel de Carbonero. Os exércitos laníferos de Miramolim, o subseqüente episódio do elixir imunizador, cujo frasco se quebra com os dentes do cavaleiro da Triste-Figura ao choque violento das pedradas dos pastores, as scenas da pousada em que o pobre Sancho Pança sofre as conse-
quências prosaicas da loucura heroica do ano, o ataque aos moinhos, toda a obra de

Cervantes, enfim, passada á tela e animada da mesma scintilha de génio e do mesmo espírito de humaníssimo humorismo.

De pintura religiosa um só quadro bastou para lhe fixar imorredouramente o nome: o *Sermão da Montanha*, que se encontra na igreja de S. Francisco, o Grande, de Madrid.

Como pintor histórico, Moreno Carbonero tem a sua obra espalhada por toda a Espanha e pelas repúblicas sul-americanas. De lá lhe chegam, com freqüência, convites para fixar na tela os episódios grandiosos dos tempos da colonização e da conquista e a todos Carbonero atende, encontrando no culto exclusivo da sua arte e das tradições da sua raça a energia que lhe mantém moço o espírito e são o corpo, contente de traba-

lhar hoje como aos vinte anos, sem animadversão para com os novos processos, sem os combater mas também procurar segui-los, apenas se admirando, diante da folha dum catálogo duma exposição de artistas russos há tempos realizada em Madrid, de como é que três circunferências tangentes podem dar a alguém a impressão duma figura humana.

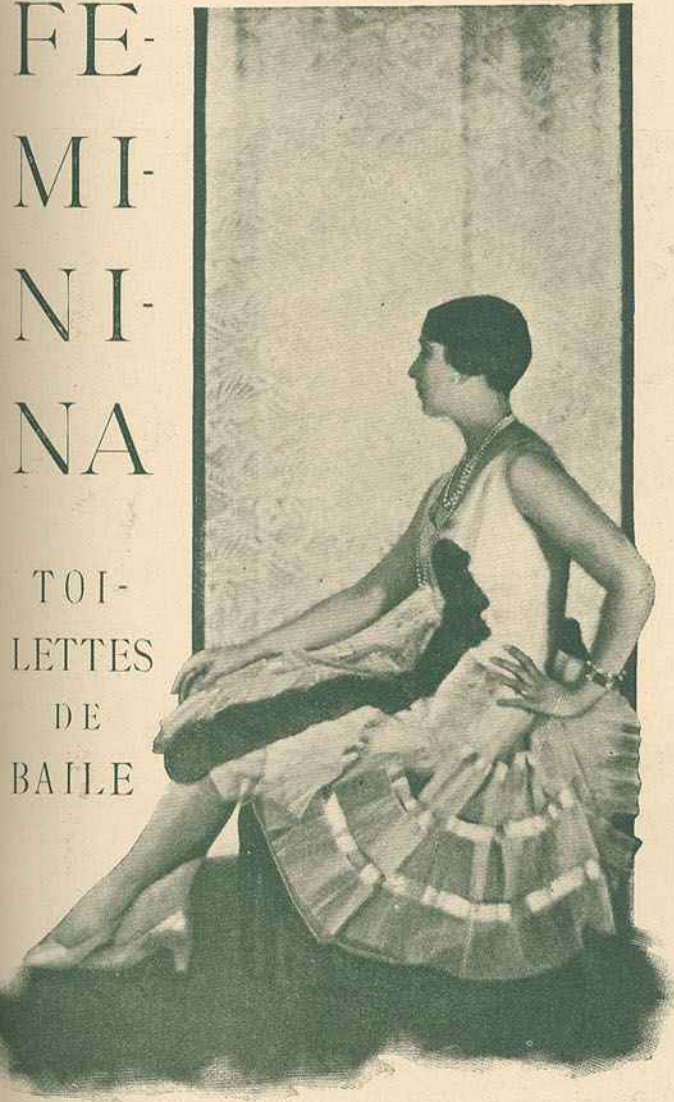
Mais claro do que as nossas palavras, sobre a obra de Moreno Carbonero, diz a documentação gráfica que ilustra estas páginas,



A fundação de Buenos Ayres

FE-
MI-
NI-
NA

TOI-
LETTES
DE
BAILE



A singeleza, a sobriedade de linha de ornamentação preconizadas pela moda para os vestidos de rua, visitas e reuniões de tarde, não abrange as *toilettes* de baile. Nestas, toda a fantasia, todo o arrôjo de imaginativa e disposição, são admitidos. É indiscutível que os criadores da moda, procuram a todo o transe, compor isoladamente modelos de noite em que o brilho das pedrarias, *perlagas* e *pailletes*, aliado com os reflexos suaves dos setins e posto em realce pela originalidade da disposição, e traçado imprevisito da linha, estabeleçam, em conjunto, sob o fulgor da luz artificial, no meio feérico e perfumado dum salão de festa, o efeito deslumbrante do luxo artístico, da magnificência estética. É por isso que hoje toda a riqueza é pouca para a composição duma *toilette* de grande cerimônia. Mas não acreditemos que basta cumular de cousas caras uma *toilette*, para que o seu êxito seja seguro. É preciso que a arte requintada intervenha na adaptação e selecção inteligente dos tecidos, das côres, dos *perlagas*, das flores, etc.

Um montinho de diamantes excita a cubiça pelo seu valor intrínseco, mas não interessa ao sentimento estético, não desperta a intuição artística. Sucede o mesmo com uma *toilette* onde não inexperiente juntou e sobrepôs muitos elementos ricos, mas que não teve a habilidade para pôr de parte todos os que, não harmonizando, carregaram o conjunto apagando

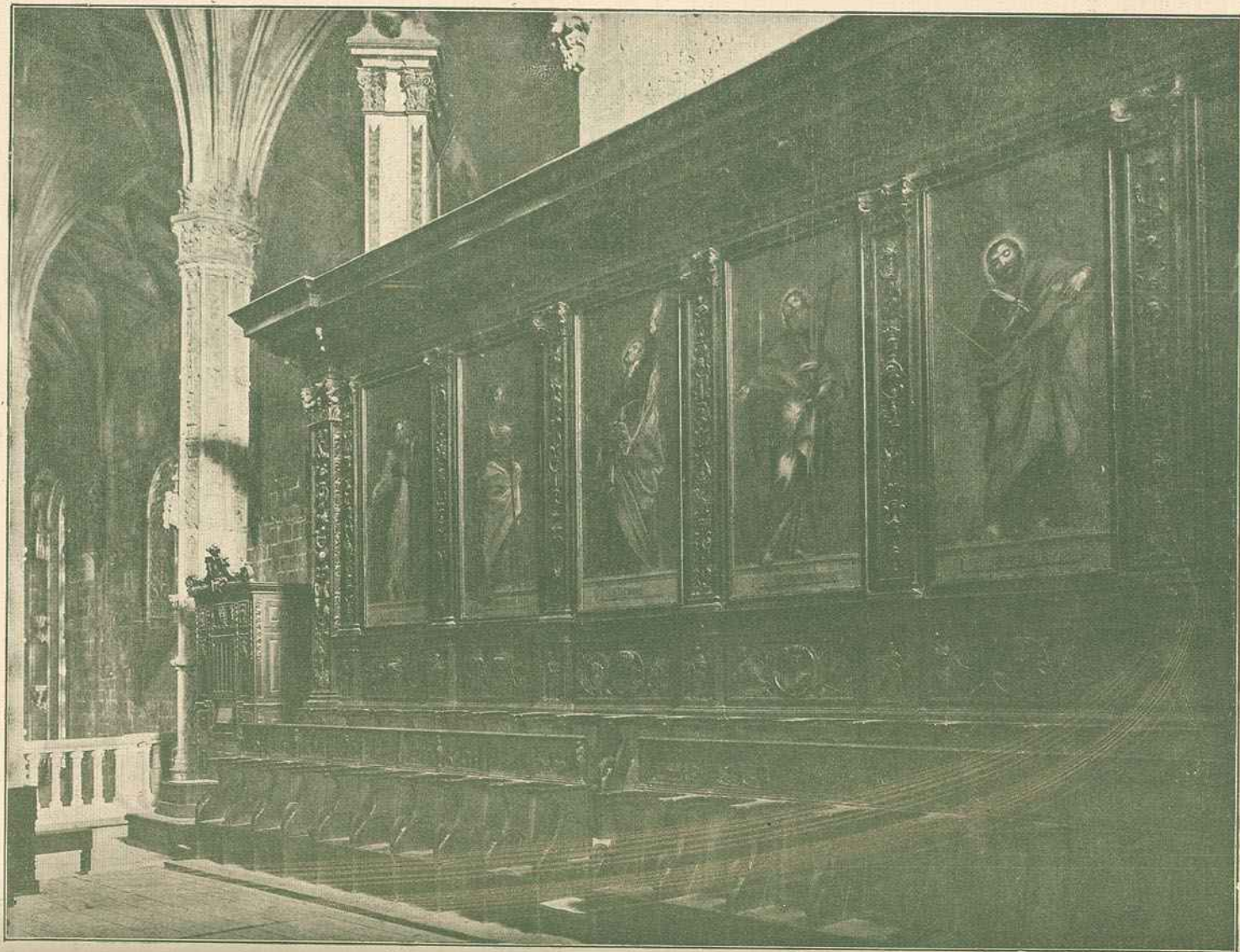
sob o pêso da acumulação o realce de outros elementos. Toda a fantasia, toda a originalidade, são, repetimos, admitidas actualmente na composição dos vestidos de grande cerimônia.

Todos os gêneros, todos os estilos, mesmo os mais antagônicos, sem preocupações de verdade histórica nem de ordem cronológica, são bem acolhidos pela moda actual. Ao lado da linha esguia, flexuosa, inconfundível, que marcará, mais tarde, a silhueta flagrante, evocativa da época que atravessamos, figura o ressurgimento das *draperies* gregas, os hieráticos pregueados romanos e medievais, o coquetismo pueril da graça rebuscada que caracterizou os tempos do Rei Sol e dos seus sucessores, até á tentativa dos *balões* acarinhados pela linda imperatriz Eugénia.

Tudo se usa, tudo se admite, tudo é elegante nas *toilettes* de baile, desde que obedeça às indicações seguras, à regência perspicaz dum claro sentimento artístico, hábil em adaptar às *silhuetas* o estilo em forma, côr e género de adornos, que melhor lhe convém, marcando-o, aqui e além, com uma pincelada de modernismo que actualiza o modelo, imprimindo-lhe a desejada nota de *chic*, inédito, artístico, impressionante, enfim.

Eis, em poucas palavras, as bases sobre que repousa a ideia conceptiva da elegância para as *toilettes* de grande cerimônia.







O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 40)

Levantámos o acampamento aos primeiros clarões da aurora e uma hora depois partíamos para essa memorável expedição. Muitas vezes, nos meus sonhos, me tenho visto feito correspondente da guerra, mas como poderia imaginar que seria de tal natureza a campanha que eu teria de seguir? Eis o meu primeiro relatório dum campo de batalha.

As nossas tropas, reforçadas durante a noite com a chegada dum certo número de indígenas, eram constituídas, quando nos pusemos em marcha, por quatrocentos a qui-

reito, Summerlee e eu no esquerdo. Com espingardas, que eram as últimas maravilhas dos armeiros de Saint-James Street e do Strand, acompanhávamos ao combate um exército da idade da pedra!

O inimigo não se fez esperar. Um clamor violento e agudo partiu dos bosques e um numeroso grupo de homens-macacos, brandindo mocas e atirando pedras, precipitou-se sobre o centro da coluna. Carga heróica, mas louca, porque eles moviam-se lentamente por causa das pernas muito curtas e os índios opunham-lhes uma agilidade de gatos. Era horrível ver êsses entes ferozes, com a bôca espumando, os olhos a fuzilar, lançarem-se para a frente, para agarrarem os inimigos que, furtando-lhes o corpo, os crivavam de setas.

Um dêles, com o peito todo cheio de golpes, passou diante de mim, urrando de dor. Deilhe, metendo-lhe uma bala na testa, o golpe de misericórdia. Foi o único tiro disparado; o centro não precisou do nosso auxílio para vencer. De todos os homens-macacos que desceram ao terreno aberto, creio que nem um só tornou a alcançar a espessura da floresta.

Mas nos bosques o caso tornou-se mais sério. Durante mais duma hora, depois que neles penetrámos, travou-se um combate desesperado, em que a custo mantivemos a melhor. Lançando-se de entre a espessura das árvores, os homens-macacos derrubaram com as suas enormes mocas três ou quatro índios, antes de caírem crivados de lançadas. Onde b a t i a m, esmagavam. Um dêles, que estilhaçara a espingarda de Summerlee, ia a esmigalhar-lhe o crânio quando um índio lhe cra-

a pressão do ataque e certamente teriam debandado se não fôsse a devastação que as nossas carabinas faziam. Reconduzidos pelos chefes, retomaram o ataque com tal impetuosidade que, por sua vez, os homens-macacos começaram a recuar, Summerlee já não tinha armas mas eu atirava sem descanso e sem descanso também ouvíamos crepitar no flanco direito as carabinas dos nossos camaradas. Então, súbitamente, o inimigo lançou-se no pânico e na debandada.

Guinchando e urrando, os homens-macacos fugiam em tôdas as direcções, indo-lhes os nossos aliados na peugada, fazendo ressoar o ar com os seus gritos de alegria. Tinham que liquidar nêsse dia uma velha rivalidade, que datava de inúmeros séculos, com todos os ódios e más recordações que povoavam a sua reduzida história. O homem devia, enfim, ser o vencedor, relegando para o seu lugar inferior o homem besta-fera. Os fugitivos não podiam escapar-se. Por todos os lados, na floresta, se misturavam aos clamores de triunfo o silvar das setas e o som cavo que produziam os corpos dos homens-macacos, caindo das árvores sobre o chão.

Eu ia seguindo atrás dos outros, quando lord John e Challenger se nos juntaram.

— Acabou-se — disse lord John. — Creio que podemos contar com os nossos amigos para uma boa limpeza.

Os olhos de Challenger brilhavam, na ânsia de amorticínio.

— Tivemos — exclamou êle, empertigando-se como um galo de combate — o privilégio de assistir a um acontecimento típico, a uma dessas batalhas terminantes que decidiam dos destinos do mundo.

«O que é, meus amigos, a conquista dum país por um outro? É uma coisa sem senso, porque o resultado é nulo. Mas quando, nas primeiras eras da vida, o habitante das cavernas, num reconto furioso como êste, se media com o tigre ou dominava o elefante, então é que se realizavam as verdadeiras conquistas, as que marcam como tais.

«Um capricho do destino permitiu-nos concorrer para uma vitória dêste género. Depravante, sobre êste planalto, o futuro pertence ao homem.

Era preciso ter uma robusta fé no fim a atingir para que se justificassem tão trágicos meios. A medida que fomos avançando deparavamos-se, aos montões, os cadáveres dos homens-macacos, prostrados por golpes de flechas ou por lançadas. De longe em longe, uma pequena pilha de cadáveres de índios, literalmente despedaçados, indicava o sítio onde um dos antropoides, já sem es-



Estou escrevendo dia a dia, mas espero que, antes de chegar ao fim destas linhas, hei-de ter visto um raio de luz...

nhentos homens. Uma guarda avançada de bateadores protegia o grosso da coluna que, tendo subido a encosta arborizada que conduzia à floresta, se desdobrou numa grande fila de portadores de arcos e de lanças; Roxton e Challenger postaram-se no flanco di-

vou a sua grosseira faca no coração. Outros, de cima das árvores, atiravam-nos com pedras e pedaços de tronco e por vezes, deixando-se cair entre as nossas fileiras, lutavam furiosamente até à morte. Os nossos aliados, durante um momento, cederam sob

perança de salvar-se, fizera frente aos perseguidores e vendera cara a vida. Na nossa frente, os gritos e os rugidos continuavam a indicar-nos em que direcção se fazia a perseguição. Repelidos até à sua «cidade», os homens-macacos tinham tentado ali organizar uma última resistência, que o vencedor esmagará já, quando chegámos, ainda a tempo de assistir ao horror da scena final. Oitenta a cem machos, os únicos sobreviventes, tinham sido conduzidos áquela mesma clareira, à beira da muralha, que, dois dias antes, fóra teatro das nossas façanhas. Quando chegámos, rodeava-os um círculo de índios armados de lanças. Tudo se passou num minuto: trinta ou quarenta dentre eles foram mortos logo ali; os outros, vociferando e arranhando, foram atirados para o abismo, onde foram, como outrora os seus prisioneiros, empalar-se, a seiscientos pés de profundidade nas hastas afiladas dos bambús. Como dissera Challenger, o homem assegurava para sempre o seu domínio na Terra de Maple White, exterminando os machos, destruindo a «Cidade dos Macacos» e reduzindo à escravidão as fêmeas e as crias. A contenda de tantos séculos liquidava em sangue.

A vitória trouxe-nos grandes vantagens. Pudemos voltar ao acampamento e encontrar as nossas provisões e de novo pudemos comunicar com Zambo, a quem aterrava o espectáculo, que de longe observára, daquelle desabar de macacos do alto da muralha.

— Voltem, senhores, voltem depressa — gritava-nos elle — aliás não escaparão ao diabo!

— É a voz da razão — disse Summerlee, convencido, — já tivemos bastantes aventuras pouco apropriadas ao noso carácter e posição. Challenger, recordo-lhe a sua promessa. A partir d'êste momento, deve consagrar tôdas as suas energias a tirar-nos d'êste horrível país, para nos reconduzir à civilização.

CAPÍTULO XV

AS MARAVILHAS QUE OS NOSSOS OLHOS VIRAM

Estou escrevendo dia a dia, mas espero que, antes de chegar ao fim destas linhas, hei de ter visto um raio de luz brilhar nas trevas que nos rodeiam. Irritamo-nos por nos sentirmos aqui retidos, sem imaginarmos um meio de nos evadirmos, mas talvez nos felicitemos mais tarde por esta situação forçada, graças à qual poderemos travar mais amplo conhecimento com esta terra de prodígios e com os seres que a povoam.

A vitória dos índios e o aniquilamento dos homens-macacos iniciaram uma nova fase na nossa vida. Somos nós quem reina no planalto, porque os naturais, a quem nós ajudamos, com tão estranhos poderes, a destruir os seus hereditários inimigos, olhamos com gratidão e temor. Se, de facto, no seu fútilo, elles desejam a partida de tão formidáveis auxiliares, pelo menos ++ deixam transparecer o seu desejo porque nos não fornecem a tal respeito nenhuma indicação útil. O que temos podido perceber pelos seus sinais é que houve outrora uma passagem por onde se subia ao planalto e que é aquella mesma cuja abertura exterior nós descobrimos.

Não há dúvida que, em diferentes épocas, ella serviu para a ascensão dos homens-ma-

cos e dos índios e que, por sua vez, Maple White e o seu companheiro dela se utilizaram mais tarde. Mas, no ano anterior, um desabamento provocado por um tremor de terra tinha feito desaparecer a saída. Quando lhes damos a entender que nos queremos ir embora, os índios sacodem a cabeça e encolhem os ombros, não podendo ou não querendo facilitar a nossa partida.

As fêmeas e as crias, os sobreviventes da campanha contra os homens-macacos, foram, por entre gemidos, conduzidos para a vertente oposta do planalto e, alojados nas proximidades das cavernas, para aí viverem desde então, reduzidos à servidão, sob os olhos dos donos. Bárbara e imperfeita versão do cativoiro dos judeus no Egito e na Babilónia! De noite, um longo lamento se elevava de entre as árvores, como se um Ezequiel primitivo chorasse a grandeza decaída e recordasse a glória passada da cidade dos Macacos! Cortar lenha e tirar água, tal foi, desde então, a vida dos cativos.

Dois dias depois da batalha, também nós atravessámos o planalto com o nosso acampamento junto das suas habitações. Elles queriam fazer-nos partilhar das suas cavernas, mas lord John, recusou, pretendendo que, se o fizéssemos, estaríamos à mercê d'elles em caso de traição. Ficámos com a nossa independência e, sem deixarmos de manter com elles as mais cordeais relações, tínhamos sempre prontas, para o que desse e viesse, as nossas armas. Visitávamos continuamente as cavernas, que mereciam ser examinadas, mas, de resto, nunca chegámos a determinar se elas eram obra da natureza ou do homem. As cavernas estavam situadas na camada de rocha friável, entre o basalto vulcânico que constituia a parte da muralha avermelhada que lhes ficava por cima e o duro granito que lhe servia de base.

Abriam-se a oitenta pés acima do solo e chegava-se até ellas por meio de amplas escadarias de pedra, de degraus tão estreitos e tão íngremes, que nenhum animal as podia subir. Interiormente as cavernas eram quentes e secas, cortadas lateralmente por galerias direitas mais ou menos compridas, de paredes pardas e lisas, decoradas com desenhos hábilmente feitos a carvão, representando os diversos animais do planalto. Se a vida desaparecer d'êste recanto da terra, o futuro explorador poderá encontrar nas paredes das cavernas amplo testemunho da estranha fauna — dinosáurios, iguanodons, peixes-lagartos — que ali se tem mantido até aos nossos dias.

Depois que nos habitámos a ver nos enormes iguanodons um simples rebanho doméstico, com proprietários e destinados à alimentação, admitimos como certo que o homem, com as suas armas rudimentares, soubera impor a sua supremacia, no planalto,



Homens, mulheres e crianças corriam à porfia, de todos os lados...

mas não tardaríamos a reconhecer o nosso erro, perante um drama que se produziu três dias depois de nos termos instalado ao pé das cavernas. Lord John e eu estávamos de guarda ao acampamento, na ausência de Challenger e Summerlee, que tinham partido para o lago central, onde os índios, sob a direcção dos dois, pescavam com arpões specimens de grandes lagartos. No declive, que enfrentava as suas habitações, outros índios ocupavam-se em diversos trabalhos.

De súbito, ouviu-se um grito de alarme; a palavra «Stoa» ecoou, proferida por centenas de bocas; homens, mulheres e crianças corriam, à porfia, de todos os lados, procurando um refúgio e, num pânico louco, trepavam a correr as escadarias das cavernas, onde mergulhavam.

Erguendo os olhos, vimo-los, do alto das rochas, convidarem-nos a juntarmo-nos a elles, com grandes gestos. Empunhámos as carabinas e precipitámo-nos os dois para vermos de que perigo se tratava. Bruscamente, ao pé de nós, uns d'oze ou quinze índios surgiram dentre as árvores, correndo a bom correr, perseguidos de perto por dois mon-

tros horríveis, como aqueles que tinham perturbado o repouso do nosso acampamento e o que tinha estragado o meu passeio solitário. Moviam-se aos saltos, semelhantes a enormes sapos, e eram duma corpulência incrível, que ultrapassava mesmo a do elefante. Nós só os tínhamos visto de noite, e, de facto, eles não saíam de dia dos seus covis, a não ser que, como então acontecera, os fôssemos lá incomodar. Ao avistá-los, detivemo-nos, estupefactos: a pele coberta de verrugas e de pústulas, era curiosamente irisada, como a dos peixes, brilhando ao sol com todas as cores do arco-íris.

Mas não nos sobrava tempo para os contemplarmos, porque já eles tinham alcançado os fugitivos, fazendo uma atrás carnificina. Caíam-lhes em cima, com todo o seu peso, e quando tinham esmagado um, passavam a outro.

Era em vão que os pobres índios, soltando gritos de terror, tentavam escapar-se à agilidade implacável dos monstros: no momento em que lord Roxton e eu chegámos em seu socorro, só restava, de pé, uma meia dúzia de índios. De resto, a nossa intervenção quasi não teve outro resultado senão o de nos expormos ao mesmo perigo. A duzentas jardas abrimos fogo de repetição, que nos despejou as armas em pouco tempo, mas se em vez de balas tivéssemos atirado aos monstros bolinhas de papel o efeito teria sido o mesmo. Esses seres de natureza reptiliana desafiavam os ferimentos; a ausência de centros nervosos e a difusão de núcleos vitais ao longo da medula espinal tornavam-os invulneráveis às armas modernas. O mais que podíamos fazer era retardar-lhes o avanço, desviando-lhes a atenção com o relampejar e o crepitar da fuzilaria, a fim de dar aos indígenas e a nós próprios o tempo preciso para alcançar as escadas, no alto das quais nada teríamos a temer. Mas onde a bala cônica explosiva do século xx era impotente, fomos ver vencer a seta envenenada do indígena, temperada no suco do estrofantó e mergulhada no suco doerim (q shrdl fante e mergulhada depois em carne em decomposição. Semelhante arma parecia ser pouco útil para o ataque aos animais, porque o veneno só lentamente lhes circulava nas veias, dando-lhes tempo para, antes de sucumbirem, esmagar o homem que a disparasse. Todavia, como os monstros nos perseguissem até às escadas, uma chuva de dardos caiu sobre eles, silvando, vinda de todas as fendas das rochas.

Um minuto depois estavam eriçados de setas, sem que, de princípio, parecessem incomodados por isso. Arranhando, babando espuma, encarniçavam-se na raiva impotente de quererem subir os degraus, mas, quando já tinham trepado alguns, escorregavam e rolavam por terra. Por fim, o veneno operou. Um deles grunhiu surdamente e caiu, como que arrastado pela enorme cabeça achatada. O outro começou a saltar, soltando gemidos agudos e descrevendo círculos excêntricos; depois, desabou e vimo-lo, durante um momento estrebuchar, antes de retezar os membros. Então, na louca alegria de uma vitória que os livrava de inimigos perigosos, os índios saíram das cavernas e vieram dançar um bailado frenético em torno dos cadáveres. Durante a noite esquarteraram e levaram para longe os cadáveres, não para os comerem, porque o veneno con-

servava a sua actividade, mas para evitarem o cheiro da putrefacção. Entretanto, os corações dos dois reptis, grandes como almofadas, continuavam a bater. Animados duma horrível vida independente, subiam e desciam, num movimento doce e rítmico, e só ao terceiro dia deixaram de palpitar.

Mais tarde, quando eu tiver a servir-me de secretária ou outra coisa mais cômoda do que um caixote de conservas e para escrever, objectos melhores do que um pedacinho de lápis e as últimas folhas dum insignificante caderninho de bolso, hei-de referir-me pormenorizadamente aos índios Accala, à nossa vida entre eles e a todas as visões mais ou menos rápidas que nos proporcionou a terra de Maple White. Enquanto eu viver, nem uma hora, nem um gesto deste período da minha vida deixarão de se representar na minha memória, com a nitidez dos acontecimentos da minha infância. Nenhuma impressão nova poderão apagar estas impressões tão profundas. No momento oportuno, falarei dessa admirável noite de luar, no lago em que um ichtyosáurio — estranho ente, meio foca, meio peixe, com dois olhos cobertos por um ósso nos dois lados do focinho e um terceiro olho no alto da cabeça — se debatia na rede dum índio, a ponto de quasi fazer virar o barco em que o levávamos a reboque e daquela outra noite em que uma serpente de água, de pele verde, saltou do meio dos juncos e arrebatou nos seus sanéis o timoneiro da canoa de Challenger. Falarei ainda daquela coisa grande, branca e nocturna — era ou não um reptil?

Quando Challenger trepava para se pôr em segurança, com uma bicada cortou-lhe cerce o tação da bota. Mas desta vez, ao menos, as armas modernas não foram impotentes; a ave, que media vinte pés desde a cabeça às patas, e que o professor, ofegante mas exultando, nos apresentou como sendo um *phororachus*, caiu sob a carabina de lord Roxton, num estremeção de penas e de membros, enquanto os dois olhos amarelos brilhavam num relâmpago feroz. Oxalá eu viva o bastante para ver o seu crânio achatado e disforme figurar entre os trofeus de Albany! Enfim, certamente falarei do toxodon — porco da Índia gigantesco, de dez pés de altura e munido de dentes salientes, cortando como tesouras — que nós matámos, numa madrugada, enquanto ele se dessedentava no lago.

Sim, tudo isso descreverei, tarde ou cedo, mais à vontade e com vagar. Mas, depois de ter contado os nossos dias de actividade, eu gostaria de descrever essas deliciosas tardes de verão, em que, sob o céu de azul profundo, estendidos na erva, lado a lado, como bons camaradas, próximo dos bosques, víamos, maravilhados, voarem por sobre nós aves singulares, animais desconhecidos saírem das suas tocas para nos observarem. Ao nosso redor os troncos pendiam, pesados de saborosos frutos e encantadoras flores pareciam fitar-nos como pupilas. Queria evocar essas radiosas noites, no lago cuja superfície borbulhava com o mergulhar de algum monstro ou cujas profundezas se iluminavam com um reflexo esverdeado à passagem



Nenhuma impressão nova poderão apagar estas impressões tão profundas

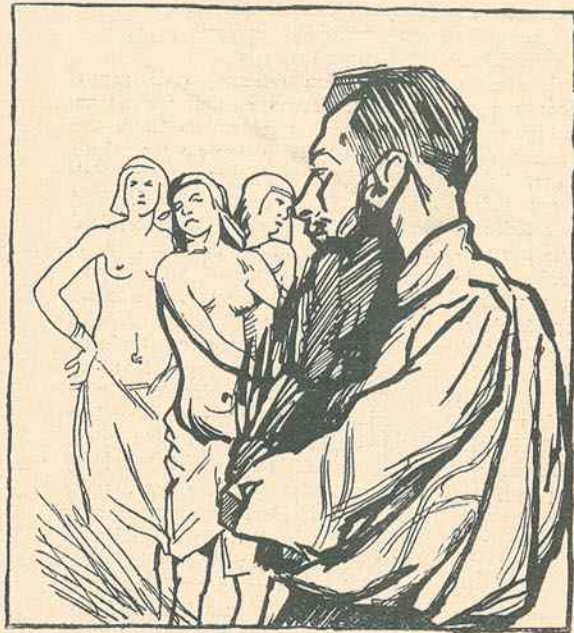
ignoramo-lo — que vivia num pântano imundo, a leste do lago, e esvoaçava por aquelas proximidades, produzindo uma ligeira fosforescência. Os índios, atarrados, recusavam aproximar-se. Nós avistámo-la no decurso de duas expedições, sem conseguirmos chegar até ela, através do pântano; parecia maior que uma vaca e exalava um bizarro cheiro de almíscar. Também falarei dessa ave que perseguiu um dia Challenger até às rochas, onde ele procurava um refúgio, uma ave corredoura, de tamanho colossal, muito maior do que o avestruz, com um pescoço de abutre e uma cabeça exquisita, que lhe dava o aspecto dum espectro ambulante.

de qualquer forma caprichosa entre duas águas. Tais são as scenas sobre as quais, de futuro, me será grato fazer deter o meu espírito e a minha pena.

Mas, objectar-me-heis, para assim accumularem recordações, é porque se entregavam a tudo menos a procurar, noite e dia, os meios de regressar? Não, responderei eu, nem um só dentre nós deixava de pensar nisso, mas em vão. Tínhamos descoberto que os índios não nos ajudariam. Para tudo o mais eles mostravam-se nossos amigos, quasi poderia dizer nossos escravos, mas se recorríamos a eles, fôssemos para arranjar um pranchão que nos servisse de ponte sobre o

abismo, fôsse para nos fornecerem correias ou cipós para fazermos cordas, só encontrávamos da sua parte recusas gentis, mas inabaláveis. Sorriam, piscavam o olho, abana-

protegido da cabeça aos pés, por uma espécie de carcassa ou gaiola de canas, emboçada como um sino. O meu pasmo cresceu quando, ao aproximar-me, reconheci lord Roxton. Ele viu-me, saiu fora da gaiola, veio até mim e, se bem que afectasse rir, parecia um tanto confuso.



Challenger exercia uma verdadeira fascinação sobre as mulheres índias

vam a cabeça e mais nada. O velho chefe opunha-nos a mesma obstinação e só Marentas, o rapaz que nós tínhamos salvo, nos olhava pensativamente e nos demonstrava por gestos quanto o entristecia a nossa presença. Depois do triunfo decisivo sobre os homens-macacos, os índios consideravam-nos como super-homens que traziam a vitória nuns tubos e viam na nossa presença um penhor seguro da felicidade. Uma esposa pele-vermelha e uma caverna, eis o que eles nos ofereciam, se consentíssemos em esquecer o nosso país e ficar para sempre como seus hóspedes. De resto, nada tínhamos que dizer deles, mas guardávamos para nós os nossos planos de descida, porque receávamos que no momento preciso eles procurassem reter-nos pela força.

Sem receio dos dinosáurios — que quasi não são perigosos de dia, porque teem, como disse, hábitos nocturnos — fui por duas vezes, nas duas últimas semanas, até ao nosso antigo acampamento ver o nosso negro, que continuava de sentinela no sopé da muralha. Os meus olhos prescrutavam rapidamente a planície, procurando, ao longe, a esperança do socorro que tínhamos implorado, mas o longo plano, juncado de cactos, estendia-se, nú e vazio, até à linha de bambús que fechava o horizonte.

— Não pode tardar, senhor Malone. Antes duma semana o índio estará de volta, com cordas para a descida.

Era com estas palavras que o bravo Zambo me encorajava.

Depois duma noite de ausência, regressava desta expedição e seguia o caminho habitual, quando, ao chegar a cerca duma milha do pântano dos pterodactilos, vi qualquer coisa extraordinária. Um homem caminhava,

que só os professores é que querem instruir-se? Ando a estudar esses bichinhos. Que esta explicação lhe baste!

— Eu não julgava ofendê-lo — disse eu.

Logo lhe voltou o seu bom humor.

— Não, não me ofendeu, meu rapaz. Em-

penho-me em procurar para Challenger um desses pintainhos do diabo. Mas dispense a sua companhia, porque eu ali dentro estou seguro e você não está. Até breve. Estarei de volta à noite.

E deixou-me para voltar a meter-se na sua gaiola e partir através do bosque.

Se a conduta de lord John, nessa ocasião me causou bastante surpresa, a de Challenger não me provocou menos. Challenger exercia uma verdadeira fascinação sobre as mulheres índias e trazia

sempre na mão uma grande palma com que as afugentava como se fôssemos moscas, quando elas se agarravam muito a êle. Uma das minhas mais grotescas recordações é a de o ver, com aquela insígnia de autoridade na mão, caminhar como um sultão de operacômica, a barba espetada, o passo solene,

seguido por um cortejo de jóvens índias de grandes olhos, envoltas em delgadas roupagens tecidas de fibras de casca de árvore.

Quanto a Summerlee, absorvido pelas aves e pelos insectos, passava todo o seu tempo — salvo a parte considerável que reservava para injuriar Challenger, que considerava responsável por não nos tirar de embaraços — em preparar e armar os seus espécimens.

Challenger andava sózinho. De tempos a tempos, voltava solene, grave, como homem que traz sobre os ombros o fardo duma grande empresa. Um dia, com a sua palma e arrastando atrás de si a multidão das suas devotas, levou-nos até ao lugar secreto de que tinha feito o seu gabinete de trabalho.

Era uma pequena clareira, no meio dum bosque de palmeiras, onde havia um dos tais charcos de água quente.

No rebordo do charco tinham sido dispostas umas tantas correias, tiradas da pele de um iguanodon, prêsas pela outra extremidade a uma imensa bolsa membranosa, que era simplesmente o estômago de um desses grandes peixes-lagartos, pescados no lago. A tal bolsa, cosida numa das extremidades, tinha na outra um estreito orifício, onde estavam metidas muitas canas de bambú,

ligadas a funis de argila que recolhiam os gases do charco. A bolsa começon, lentamente, a distender-se e em breve mostrava tal propensão para se elevar, que Challenger para a segurar, teve que atar às árvores as extremidades das correias. Meia hora depois, tornára-se um balão de tamanho razoável, cuja força ascensional podíamos apreciar pela forma por que esticava as amarras.

Challenger, comovido como um pai perante o seu primeiro filho, olhava a sua obra com satisfação, mudo, sorrindo e cofiando a bar-

ba. Summerlee foi o primeiro a romper o silêncio.

— Challenger, o senhor não espera que nós partamos com isto? — disse êle com voz ácida.



— Não pode tardar, senhor Malone!

ba. Summerlee foi o primeiro a romper o silêncio.

— Challenger, o senhor não espera que nós partamos com isto? — disse êle com voz ácida.

(Continua)

DEVERES SOCIAIS

(DESENHO DE EMMERICO NUNES)



A TRISTÍSSIMA VISITA DE PESAMES, EM QUE O ÚNICO SORRISO É O DO DEFUNTO, NO RETRATO, E ESSE MESMO AINDA É «A CARVÃO», PARA NÃO PERTURBAR A HARMONIA LUTUOSA DO AMBIENTE

LIVROS E ESCRITORES

«Romeiros de Jesus Cristo que voltam a Portugal»: assim enuncia Antonio Corrêa de Oliveira o regresso dos seus versos ao tema da série *Na Hora Incerta ou A nossa Pátria*, cujo livro 8.º, agora impresso, se intitula *Os sinos do cativo*. Nas suas redondilhas, que encerram mais um capítulo da história portuguesa, o grande poeta narra-nos, com fundo acento patético, o episódio de Alcácer-Quibir. Ao som dos sinos alviçareiros, tomados de ebriedade heróica, decorrem os aprestos da empresa; faz-se a abalada, e



mais alto cantam os sinos, fazendo cõro com as guitarras e charamelas; fere-se a batalha, para nossa derrota, juncando os areais africanos a flor da cavalaria lusitana e desaparece o rei D. Sebastião: no reino, ao saber-se da triste nova, badalam os sinos lugubremmente. Segue-se o domínio castelhano. Es-

curidão, angústia do cativo, também sentida pelos sinos. Mas como toda a noite se abre em luz, vem a hora do resgate. Liberta a pátria, os sinos palmeiros voltam a toar na sua voz de ouro, que espalha alegria da serra ao mar. Eis o que diz esta parte do poema, esculpida em sextilhas primorosas, em que a beleza se reveste de simplicidade, para melhor entrar no gosto do povo, para quem o poeta as escreveu. E oxalá o povo as escutasse, pois se fõssem ouvidos os poetas como Corrêa de Oliveira, de melhor modo seria amada a «Madre Terra Lusitana».

Quiseram os Fados, vezeiros nestas coincidências, que nesta hora corram, ombro a ombro, nas livrarias, reimpressões das cotas, peculiares a cada um, com que Ramalho Ortigão e Eça de Queirós contribuíram para o famigerado panfleto *As Farpas*, por ambas dadas a lume há bom meio-século, no fito de endireitar esta parte do mundo, desde longas eras mais amolgada do que as restantes. Mas ao passo que a contribuição de Ramalho atingiu já a quarta edição, a de Eça permanecia até agora na primeira, como se se tratasse de cousa de somenos. E não. Pelo contrário. Como é sabido, Ramalho puxou para os seus escritos, que em separado coligiui, o título do panfleto (o tomo V, há dias aparecido, trata da religião, dos seus crentes e dos seus servidores, sendo por isso dos de mais curiosa leitura) — tendo Eça de escolher para a coleção dos seus título diferente, o qual foi *Uma Campanha Alegre*. Campanha alegre, sim, feita a tagantadas de riso, esvurmando o mal a jactos de ironia. Mas, os resultados? Temos de acreditar que a doença

Literatura regionalista, se bem compreendida e realizada com acêrto, não mero rebuscado de termos privativos de determinada



região formando frases de sentido enigmático a t e para os próprios dessa região, — sim, senhores, tem seu mérito, e grande: inventaria usos e costumes característicos da nossa gente, seus processos de labor, suas indústrias casciras, seus modismos de linguagem, suas crenças, e assim nos dá o retrato flagrante do povo, cuja vida forte e instintiva tão opulenta se mostra de criações linguísticas e de motivos artísticos. Pois está nos devidos termos o livro do gênero que o sr. Manuel Boaventura há pouco trouxe a lume: *Contos do Minho*. Três são as narrativas que alberga, todas com ensanchedas de novelas e escritas com muito sabor popular, no que o que é popular oferece de tradicional e pitoresco e digno, portanto, de registo; nanja em seus plebeísmos reles que reflectem o calão das cidades, e Santa Bárbara leve ainda para mais longe do que as trovoadas! Pinta-nos o autor, com louvável fidelidade, diversas scenas desse Minho rural onde o homem moureja cantando. E as figuras, que se destacam da ridente paisagem, copiadas do natural, como Júlio Denis copiou do natural as dos seus romances, respiram saúde e vigor físico e moral, e falam uma linguagem desenvolta, que resce de limpo e esparrinha a cõr das nossas veigas e lombas do norte.

Sob o título de *A unificação da Sciência*, coligiui o sr. Justiniano Esteves uma boa

série de artigos versando problemas de física. A par do trabalho de divulgação, sempre útil, encontram-se aqui também pontos de vista originaes, como sejam os expressos por uma teoria de constituição dos corpos concebida pelo autor, que nalguns desses artigos nos ensina qual a cõr da irradiação solar, o que se entende por ondas de calor, e outras mais noções de geral interesse, algumas rebatendo erros crassos.



era incurável. Aproveitando o ensejo que nos trouxe a nova estampa dessa pouco menos que esquecida obra de Eça, traçada com todo o fulgor da sua mocidade, relendo os seus lúcidos comentários, e olhando depois à nossa volta, verificamos isto, que é na ver-

Via Sacra, livro que trasborda de castiça poesia, — pois, por estranho que seja o caso, também ela anda nesta hora falsificada, abundando os habilidosos versejadores mas sendo raros os poetas de verdade, aqueles que algo teem que dizer, aqueles para quem a linguagem rimada é um meio e não um fim, aqueles que lhe transmitem vibração interior e nas estrofes que sacm do seu cinzel colocam, a sangrar, um pedaço da própria alma ou da alma das cousas que os envolvem e que só aos privilegiados comunicam o segredo das suas vidas.

Raposo de Oliveira, um nome saliente do jornalismo, é o autor desse livro. Há vinte anos talvez que em sua lareira de poeta se não acendia o lume sagrado, há vinte longos anos. Mas eis que esse lume desperta, sacode as cinzas, ergue o seu clarão, despede lindas faúlhas, alumia, aquece.

Nas páginas da *Via Sacra* está um coração vivente, que sofre e ama, sonha e ambiciona e, por vezes também, se revolta — revoltas que, se as profundarmos, são feitas da mesma matéria dos sonhos e dos ideais. Que fluidez e poder de simpatia em todos estes versos! Alguns lembram a musa de Cesário Verde, como *Lisboa*, que precisamente o autor dedica à memória dêle. E na *Noite de S. António* e nas *Terras da Beira*, que frescura e graça de emoções! Sem uma banalidade sequer, *Via Sacra* é um livro de castiça poesia.



dade de pasmar: o quadro por êle delineado, assim como por Ramalho, é por uma pena o quadro do nosso viver actual. Uma sociedade apática, pobre de ideais, uma política de corrupção, a rotina com sceptro e corõa, o povo de costas voltadas para o alfabeto e para os brevíarios de educação cívica, uma religião ajanotada e sem fé, a economia pública a balões de oxigênio — ontem como hoje, que há a concluir? Dobados mais de cinconeta anos, fartinho o velho tempo de virar ampulheta sobre ampulheta, os homens são iguais e os costumes são os mesmos. Ou, se diferem, uns e outros, o único progresso é este — são piores.

Dois novos tomos da utilíssima *Enciclopédia pela Imagem: Joana d'Arc e Os Animais*, um no cantão da história, outro no das sciências. Textos concisos mas de completa informação, gravuras bem seleccionadas e nítidas, elucidando proficuamente os assuntos tratados em cada volume.

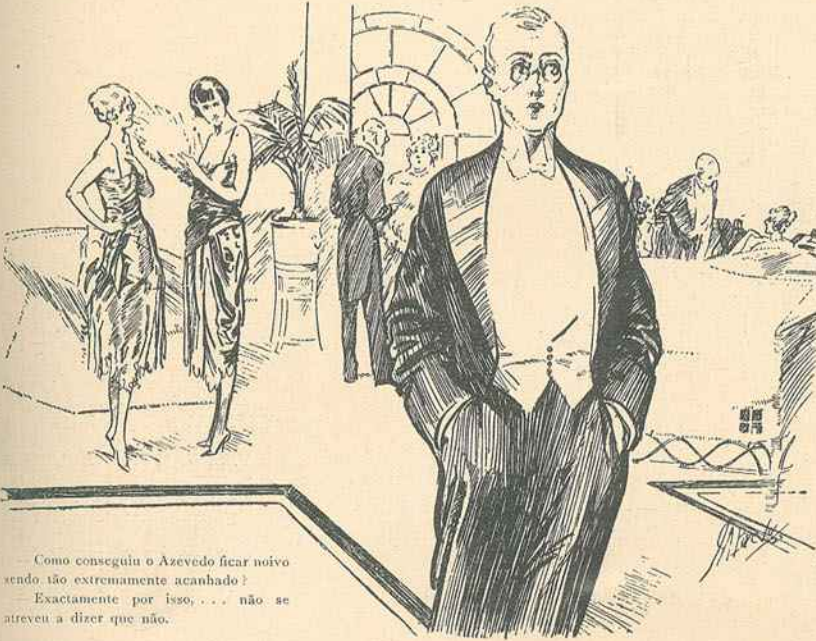
CÉSAR DE FRIAS.

VEJAM-SE NO N.º 38 AS CONDIÇÕES DO NOSSO
- - - CONCURSO LITERÁRIO - - -

A ILUSTRAÇÃO SÓ MENCIONA AS OBRAS
- - DE QUE RECEBA DOIS EXEMPLARES - -



Passatempo



Como conseguiu o Azevedo ficar noivo sendo tão extremamente acanhado?
— Exactamente por isso, ... não se atreveu a dizer que não.

CONHECIMENTOS LITERARIOS

A esposa: — Quando o Soares te perguntou se gostavas de «Omar Khayyám», não devias ter dito que nunca o tinhas bebido.

O marido: — Porquê?

A esposa: — Ora porquê, grande pateta, porque não é nenhum vinho; é um queijo!

Um padre que estava no seu quintal, segurando na parede, com pregos, uma trepa-

deira refractária, reparou num rapazito que o estava observando havia muito tempo com interesse evidente.

— Então, meu amiguinho, — disse-lhe sorrindo — estás aí a ver se aprendes alguma coisa de jardinagem?

— Não senhor, — respondeu o garoto.

— Estás admirado de me ver trabalhar desta maneira?

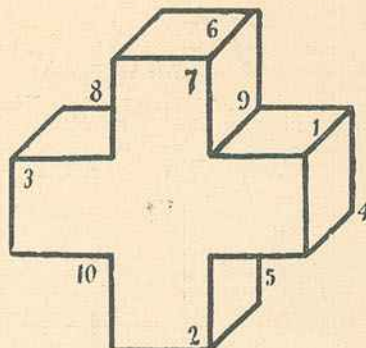
— Não, senhor. Estou à espera de ouvir o que um padre diz quando bate com o martelo nos dedos.

Pretendente: — Venho pedir a mão de sua filha.

Pai: — Com todo o gosto. Pode levar aquela que está sempre metida na minha algibeira.

RECONSTRUÇÃO

(Solução)



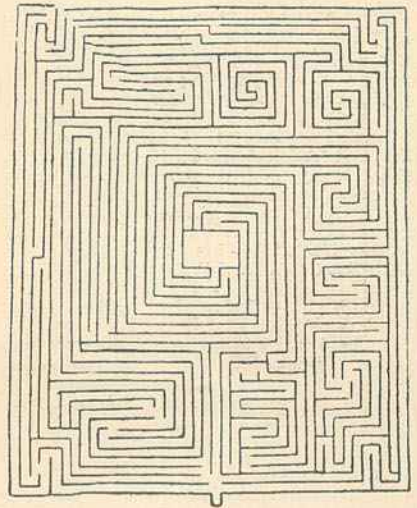
Onde estão os freguezes d'êste vendedor de caramelo?

DEPOIS DA LUA DE MEL

Ela: — Antes de casarmos querias sempre ter as minhas mãos nas tuas.

Ele: — Também agora gostaria de as ter, mas não quero interromper os teus afazeres domésticos.

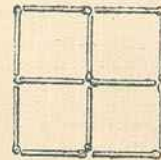
LABIRINTO



Que caminho percorreriam para chegar ao centro d'êste labirinto, sem passar duas vezes pelo mesmo caminho?

A DESAPARIÇÃO DE UM QUADRADO

(Problema)



Aqui estão quatro quadradinhos que se podem reproduzir em cima da mesa, com os sabidos fósforos de cera ou não menos conhecidos palitos de dentes.

Traita-se de fazer com que desapareça um dos quadrados, isto é, que só fiquem três; porém não, à toa, e como se quizer; mas sim com a condição de se não tirar nem um só dos d'oze palitos ou fósforos que formam a figura.

Um autor teatral estava lendo a sua peça em auditório selecto. Reparou que um dos criticos tinha adormecido. Acordou-o e perguntou-lhe como podia uma pessoa dar a sua opinião sobre uma peça, dormindo todo o tempo da sua leitura?

— O sono é também uma opinião, — respondeu o crítico.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JULHO DE 1927

LITTERATURA

AIRES DE MAGALHÃES (CÂNDIDA) — *Falam os munitinos*. II. de Alfredo Moraes. 64 p. c. gr. — 5\$00.
 ALVES (HORÁCIO) — *A Tormenta*. Drama em 2 actos. 75 p. — 3\$50.
 ANSER (ALFREDO) — *O Rouxinol, a Rosa e o Mocho* (Idílios em Queluz). 20 p. — 10\$00.
 ANTERO (ADRIANO) — *A vida de um rapaz alegre*. 178 p. 8.º — 8\$00.
 ARAUJO (NORBERTO DE) — *Murtosa*. 15 p. — 2\$50.
 BASCO INAÑEZ (VICENTE) — *Luna Benamor*. Trad. de Agostinho Fortes. 265 p. 8.º c. capa il. por Alfredo Moraes. — 10\$00.
 CARVALHO BRANDÃO (ANTÓNIO) e RAÚL CÉSAR FERREIRA — *Dicionário de marinha inglês-português e português-inglês*. 148 p. 8.º — 20\$00.
 CRUZ MAGALHÃES — *Máximas... mínimas... ditos... mal-ditos e riso amargo*. 74 p. 8.º c. capa il. por F. Valença.
 FERNANDEZ FLOREZ (W.) — *As sete colunas*. Romance da actualidade. Trad. de Pedro Xavier. 304 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 GUIMARÃES (DELFIN) — *Alma portuguesa*. Versos. 2.ª ed. aumentada. II. de Santos Silva (Alonso). 194 p. 8.º c. o retr. do A. — 15\$00.
 HERNANDEZ CATÁ (A.) — *Os sete pecados*. Com pref. do A. Trad. de Novais Teixeira. 271 p. c. capa il. — 10\$00.
 INSÚA (ALBERTO) — *Um coração ludibriado*. Romance. Trad. de Rafael Leal. 299 p. 8.º — 10\$00.
 IVO (PEDRO) — *Serões de inverno*. Contos. 2.ª ed. 200 p. 8.º c. capa il. — 6\$00.
 JARDIM ARANHA (AURORA) — *Romance branco* (da cor da mocidade). 230 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 LÊO — *Eva dolorosa*. 155 p. 8.º c. grav. e capa il. por Martinho — 10\$00.
 LOBO DE OLIVEIRA (CARLOS) — *O Namoro em Portugal ou a Arte de amar no campo*. 43 p. — 4\$00.
 LOPES DIAS (JAIME) — *O que a nossa gente canta* (Etnografia da Beira. Vol. II). 151 p. 8.º — 20\$00.
 LOPES DE MENDONÇA (HENRIQUE) — *A Morta*. Drama em 5 actos. 2.ª ed. 226 p. 8.º — 8\$00.
 MARÇAL (ORLANDO) — *Mocidade Florida*. Versos. 78 p. e mais 47, com o retr. do A. — 10\$00.
 MARQUES DA CRUZ — *Oração a Portugal*. 88 p. c. vinhetas. — 5\$00.
 MARQUES JÚNIOR (HENRIQUE) — *Compilador e adaptador*. — *No país de encantos*, 78 p. e *O Príncipe Sapo e outros contos*. 80 p. Ambos com grav. e capa il. Cada 2\$50.
 MATEUS (CLOYLDE) — *Pobrezinho de Assis*. Poema. C. il. da A. 132 p. 8.º c. o retr. da A. — 8\$00.
 MENZES (LUDOVICO DE) — *Notas camilhanas*. História do «Euzébio Macário» e de «A Corja». 141 p. 8.º — 10\$00.
 MOREIRA (JOÃO PEDRO) — *Pétalas ao vento*. Versos. 136 p. c. capa il. — 8\$00.
 PEIXOTO (AFRÂNIO) — *Camões e o Brasil*. 291 p. 8.º — 10\$00.
 PEIXOTO (AFRÂNIO) — *Camões médico ou Medicina dos Lustadas e do Parnaso*. 2.ª ed. 103 p. 8.º — 4\$00.
 PORTUGAL DIAS (MARIA) — *A Casa Alheia*. Impressões de viagem. 296 p. 8.º — 10\$00.
 RAMALHO ORTIÇÃO — *As Farças*. Tomo V. A Religião e a Arte. 3.ª ed. 300 p. 8.º — 9\$00.
 RIBEIRO LEAL (AUGUSTO) — *As vítimas do ca-*

samento. (Romances históricos). 217 p. c. capa il. — 10\$00.
 SAN BRUNO (EMÍLIO DE) — *Zambezana*. Sceneas da vida colonial. 386 p. 8.º — 12\$50.
 SANTOS (CARLOS) — *Como eu vi a Rússia*. 508 p. c. fotog. e retr. do A. — 20\$00.
 SILVEIRA (ALICE DA) — *Exéquias de Amor*. Inspirado no livro «D. Pedro e D. Inês» de A. de Figueiredo. 22 p. — 2\$50.
 SILVEIRA FERNANDES (HUMBERTO) — *Sombras da tarde*. Versos. 87 p. — 5\$00.
 SIMÕES MÜLLER (ADOLFO) — *Santos do meu altar*. Trovas. 28 p. c. grav. — 2\$50.
 SOUSA NUNES — *Cabeças no ar*. Romance. 206 p. 8.º c. capa il. por A. Ferreira — 8\$00.
 TAVARES (A. R. GALIANO) — *Prateleira de insignificâncias*. Crônicas. 216 p. 8.º — 8\$00.
 TEIXEIRA (JUDITH) — *Salânia*. Novela. 136 p. 8.º — 7\$50.
 TEIXEIRA (MARIA AMÉLIA) — *Despertando...* Versos. 94 p. 8.º
 TEIXEIRA DE CASTRO (AURORA) — *Semeando...* Pref. de Albino Forjaz de Sampaio. 208 p. 8.º — 12\$50.
 TEIXEIRA PINTO (A.) — *Ribamar*. Romance. 100 p. 8.º
 VARANDAS (PAULO) e LEITÃO DE FIGUEIREDO (ZECA) — *Cantares de S. João*. 40 p. 8.º — 5\$00.
 VAUTEL (CLÉMENT) — *O Amor à parisiense*. Romance da actualidade. Trad. de Oldemiro César. 315 p. 8.º c. cap. il. — 10\$00.
 VAUTEL (CLÉMENT) — *Uma mulher de temperamento* (Les folies bourgeoises). Romance. Trad. de Garibaldi Falcão. 320 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 ZUZARTE DE MENDONÇA (FILHO) e ARNALDO MALHÔA MIGUEIS — *Para ler na praia...* (Blaques da vida mundana). 91 p. — 7\$50.

ROCHA MARTINS (F. JOSÉ DA) — *Pimenta de Castro, Dilador*. 320 p. c. grav. — 10\$00.
 SOUSA (LUDE M. DE) — *Gerez* (notas etnográficas, arqueológicas e históricas). 272 p. 8.º c. grav., c. 1 est. colada na capa. — 10\$00.
 TAROUÇA (CONDE DE) — *Cartas dirigidas ao cardeal da Cunha* (Arg. de Doc. Históricas). 122 p. c. o retr. do A. — 12\$00.
Tratado de Versailles (Partes I e XIII) — *Facto da S. das Nações e Trabalho*. 32 p. — 7\$50.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA LIMA (J. M. DE) — *Curso de física geral*. Tomo VI. *Electricidade*. Fasc. I — *Introdução, magnetismo, electricidade estática*. 70 p. c. grav. — 13\$00.
 BARRADAS (RAFAEL) — *Boxing*. 94 p. 8.º c. grav. — 5\$00.
 COSTA (A. CELESTINO DA) — *A Fecundação e seus mistérios* (Colecção «Natura»). 118 p. 8.º c. grav. — 7\$50.
 COSTA (ELIAS DA) — *A sciência da linguagem* (Colecção covilhanense de Cultura geral). 202 p. 8.º
Cruz Vermelha Portuguesa. 1865 a 1925. Publicação comemorativa do 60.º aniversário da Cruz Vermelha em Portugal. 307 p. 8.º c. est. e cap. il. — 50\$00.
Elementos de T. S. F. (Abc da T. S. F.) Parte II. 166 p. 8.º c. grav.
 GILHO (MANUEL) — *A Escola de Cirurgia de Lisboa e os cirurgiões militares*. 102 p. 8.º — 10\$00.
 LEPIERRE (CHARLES) — *Águas termais das Alcaçaras do Duque em Lisboa*. I. Estudo químico, físico, bacteriológico e da radioactividade. II — Estudo terapêutico, por Ascensão Contreiras. Tomo VI. 38 p. 8.º
 NEVES (ANTERO DÁMASO DAS) — *Manual prático do fotógrafo* (Bib.ª de Instrução Profissional, fundada por Tomás B. Pinheiro). 203 p. 8.º c. grav. — 12\$00.
 PLANDOLIT (ARENY DE) — *Cultura da estética e beleza da mulher*. Trad. de J. Preto Pacheco. 467 p. c. grav. — 15\$00.
 RIBEIRO DOS REIS — *Foot-Ball* (Biblioteca Desportiva). 142 p. 8.º — 6\$00.
 RITA MARTINS (A.) — *A Toxicidade incontestável das Águas do Gerez*. 160 p. 8.º — 10\$00.
 SÁ (RICARDO DE) — *Escrituração comercial teórica e prática para aprender sem mestre*. 2 ed. actualizada por J. M. Rui dos Santos. 435 p. 8.º — 50\$00.
 SANTOS DELGADO — *Manual Prático e técnico sobre engarrafamento de vinhos e licôres*. 134 p. 8.º — 10\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

Agenda de correios e telégrafos. Taxas e mais indicações úteis. 205 p. A.º — 20\$00.
 BASTOS MONTEIRO (J.) — *Através do Seguro de Vida*. 113 p. 8.º — 6\$00.
Colecção oficial da legislação portuguesa, no ano de 1924 — I semestre. 603 p. 8.º — 60\$00.
 COSTA LEITE (JOÃO PINTO DA) — *Organização bancária portuguesa* (Estudos de economia nacional). 280 p. 8.º — 15\$00.
 FERRO (ANTÓNIO) — *Viagem à volta das diladuras*. Pref. do com. Filomeno da Câmara. 305 p. 8.º — 15\$00.
Formulário civil, orfanológico, criminal e comercial para os escrivães de primeira instância, anotado por Manuel Bernardino de Brito. 3.ª ed. 329 p. 8.º — 15\$00.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

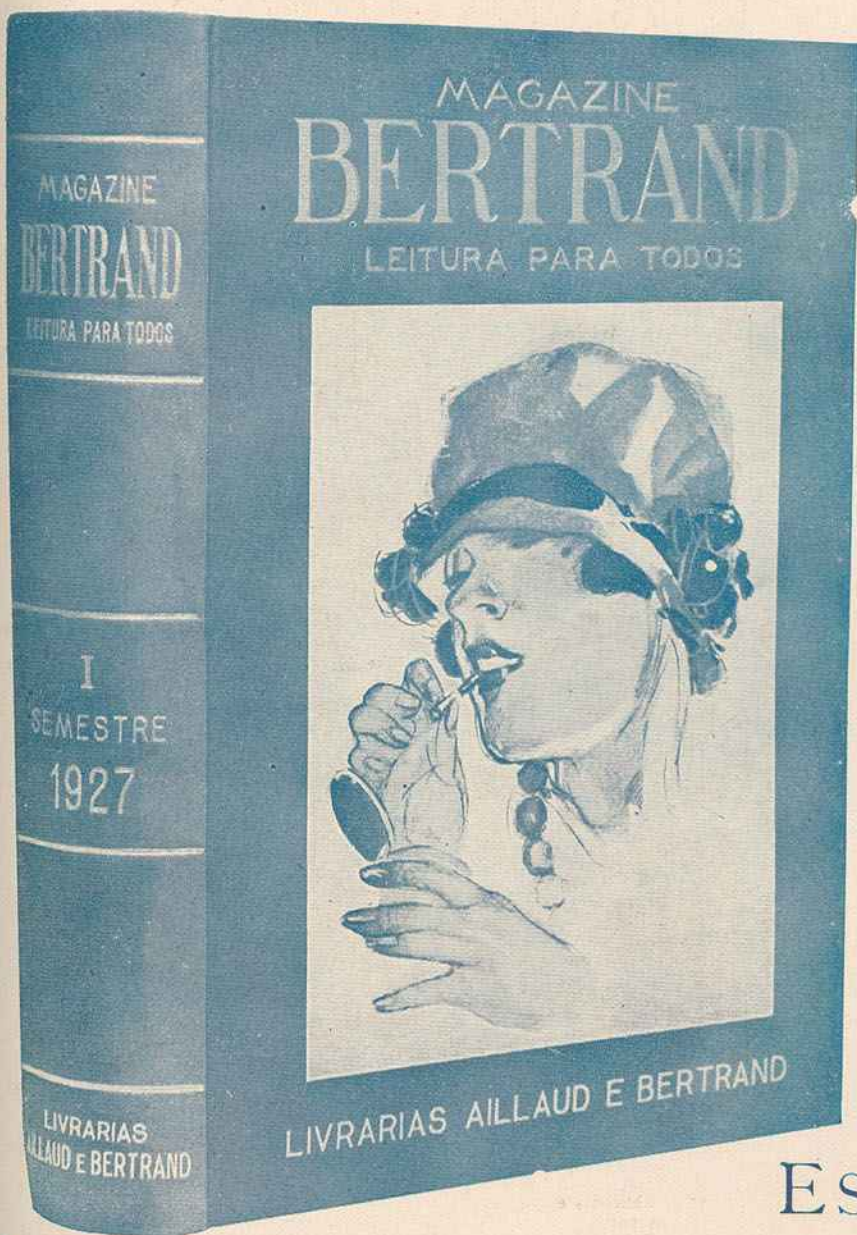
ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	2\$200	4\$500	8\$500	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00 — 15/0 AOS INTERMEDIÁRIOS

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO



CAPA PROPRIA
EM PERCALINA
COM
FERROS A OIRO
E ILUSTRADA

Esc.: 7\$00

CAPA
E ENCADERNAÇÃO
(CADA VOLUME)

Esc.: 10\$00



I ANO

1.º Semestre

CADA VOLUME
ENCADERNADO

Esc.: 40\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes do «MAGAZINE BERTRAND» que queiram encadernar o 1.º semestre, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, -25, os n.ºs 1 a 6.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

VOGA



SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDICÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND
APARECE BREVEMENTE